

**Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais**

**Mestrado em Literatura**

Área de especialização | Criações Literárias Contemporâneas

Dissertação

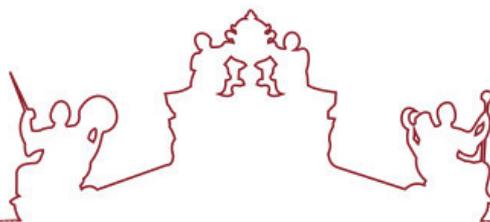
**Livro do Dessossego de Bernardo Soares e One Another de  
Alisa Resnik - relações interartísticas entre fragmento e  
fotografia**

Ana Sofia Ferrão Martins

Orientador(es) | Cristina Firmino Santos

Évora 2024





**Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais**

**Mestrado em Literatura**

Área de especialização | Criações Literárias Contemporâneas

Dissertação

**Livro do Dessossego de Bernardo Soares e One Another de  
Alisa Resnik - relações interartísticas entre fragmento e  
fotografia**

Ana Sofia Ferrão Martins

Orientador(es) | Cristina Firmino Santos

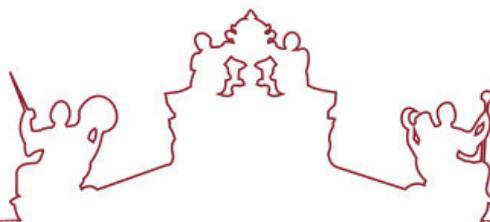
Évora 2024

---

---

---

---



A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências Sociais:

**Presidente**

- Maria Antónia Lima (Universidade de Évora)

**Vogais**

- Fernando Moraes Gebra (Universidade de Lisboa) (Arguente)
- Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora) (Orientadora)



# Agradecimentos

A realização desta dissertação deve-se, não só ao grande esforço que fiz, mas também ao apoio de todos os que se cruzaram comigo neste caminho, por isso quero deixar em especial alguns agradecimentos.

Em primeiro à minha orientadora, Professora Doutora Cristina Firmino Santos pelo excelente trabalho e cuidado ao longo deste percurso, por acreditar em mim e me apoiar sempre.

De seguida, à minha família, aos meus pais e a minha irmã que fizeram este esforço em conjunto comigo e não me deixaram desistir e por me terem apoiado sempre nas minhas escolhas.

Ao meu avô que sempre foi o meu maior incentivador e que apesar de infelizmente já não me ter visto terminar esta etapa, sei que esteve comigo em todos os momentos. À minha avó que foi a minha estrela guia. Recordo-vos aos dois com um amor e saudade incondicional e sei que estão a olhar por mim.

Aos meus amigos, que tiveram paciência e aceitaram o pouco tempo livre que tinha, mas também me mostraram como era importante ter horas vagas.

Por fim, ao Gonçalo, à Tânia, ao Nelson e à Sara que sem saber muitas vezes tornaram este processo mais simples.

Estou muito grata a todos pelo apoio, paciência, ajuda e ensinamentos e por muitas vezes me distraírem e fazerem rir porque também era preciso.

# Resumo

A literatura está presente na fotografia e a fotografia na literatura, como tal é possível equacionar vínculos e tensões entre fragmentos e fotografias e vice-versa.

Para tal, irei deter-me no projeto *One Another* de Alisa Resnik, fotógrafa contemporânea russa sediada em Berlim, que procura, quase um século depois, dialogar com os fragmentos de Bernardo Soares e Vicente Guedes que confessadamente lhe servem de impulso criativo. Procurarei, pois, captar aproximações e divergências entre os dois artistas que deambulam cada um pela sua cidade e no seu tempo.

Assim, o meu objetivo principal é estudar as relações criativas entre as imagens de Alisa Resnik e os fragmentos do *Livro do Desassossego* de Bernardo Soares, estabelecendo nexos e interligações inesperadas entre sentimentos, espaços, figuras e sensações nos dois universos artísticos.

**Palavras-chaves:** fragmento, imagem, deambulação, noite, cidade, o outro

# ***Livro do Desassossego* by Bernardo Soares and *One Another* by Alisa Resnik – interartistic connection between fragment and photography**

## **Abstract**

Literature is present in photography and photography in literature, it is possible to connect links and tensions between fragments and photographs and other wise.

To do so, I will focus on the *One Another* project by Alisa Resnik, a russian contemporary photographer based in Berlin, that arrives, almost a century later, to work with Fernando Pessoa books and Bernardo Soares e Vicente Guedes fragments of *Livro do Desassossego* that admittedly serve as her creative impulse. I will therefore try to capture similarities and divergences between the two artists who each roam around their city and in their time.

So, my main objective is to study the creative relationships between Alisa Resnik's images and the fragments of Bernardo Soares' book, establishing unexpected links and interconnections between feelings, spaces, figures, and sensations in the two artistic universes.

**Keywords:** fragment, picture, wandering, night, the other

# Índice

INTRODUÇÃO .....	7
I - APROXIMAÇÃO ENTRE O <i>LIVRO DO DESASSOSSEGO</i> E A FOTOGRAFIA DE ALISA RESNIK.....	10
II - A CIDADE E A NOITE: DEAMBULAÇÃO ENTRE O REAL E O ONÍRICO.....	30
III - A PRESENÇA DAS FIGURAS HUMANAS: O CONFRONTO COM O OUTRO.....	44
IV - O DOMÍNIO DA LITERATURA EM FOTOGRAFIA.....	56
IV.I - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	57
IV.II - COMPARAÇÃO ENTRE FRAGMENTOS DOS <i>LIVRO DO DESASSOSSEGO</i> DE BERNARDO SOARES E ALGUMAS FOTOGRAFIAS DE <i>ONE ANOTHER</i> DE ALISA RESNIK.....	62
FRAGMENTO I.....	62
FRAGMENTO II.....	65
FRAGMENTO III.....	68
FRAGMENTO IV.....	72
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	78
ATIVA:.....	78
PASSIVA:.....	78

# Índice de Figuras

FIGURA 1 RESNIK, 2013 .....	15
FIGURA 2 RESNIK, 2013 .....	20
FIGURA 3 - RESNIK, 2013 .....	37
FIGURA 4 - RESNIK, 2013 .....	41
FIGURA 5 - RESNIK, 2013 .....	52
FIGURA 6 - RESNIK, 2013 .....	53
FIGURA 7 - RESNIK, 2013 .....	64
FIGURA 8 - RESNIK, 2013 .....	67
FIGURA 9 - RESNIK, 2013 .....	71
FIGURA 10 - RESNIK, 2013 .....	73

*All creation  
Holds its breath  
And joins the lament*

- Will Carruthers

# Introdução

No contexto artístico das últimas décadas muito se aborda a interligação entre artes, seja, cinema e música, pintura e escultura, fotografia e literatura e desta última se faz a investigação desta dissertação.

Apesar de serem artes autónomas e com características bastante próprias e distintas, a fotografia e a literatura sempre conviveram e extraíram influência uma da outra ao longo do tempo.

Nesta dissertação e através de uma estrutura de capítulos organizados com o intuito de apresentar a fotógrafa Alisa Resnik e o seu projeto *One Another* e a comparação já existente entre esse mesmo projeto e o *Livro do Desassossego* de Bernardo Soares e Vicente Guedes, vamos comprovar essa conexão entre as duas artes, é certo e importante realçar que com base no meu olhar mais analítico sobre alguns fragmentos e não recorrendo exaustivamente à bibliografia muito extensa (e impossível de considerar dados os limites de uma dissertação de Mestrado) sobre o *Livro do Desassossego*.

O principal objetivo desta dissertação é evidenciar que artes diferentes podem proporcionar frutuosas aproximações quando conduzidas pelas mesmas temáticas, mas em épocas diferentes. É um facto que muitas são as diferenças entre Alisa Resnik e Bernardo Soares, no entanto a condição de flaneur une-os, ainda que em cidades diferentes.

Por isso mesmo, início esta investigação pelo tema *Aproximação entre o Livro do Desassossego e a fotografia de Alisa Resnik* (título do primeiro capítulo), que aborda de forma geral a aproximação entre os dois, nomeadamente a habilidade de ambos em capturar e expressar a complexidade da existência humana. Enquanto existe a fuga por parte de Bernardo Soares para o onírico através da sua deambulação pela cidade, Alisa

Resnik equilibra com a sua forte intenção de realidade ao fotografar de forma crua a realidade da noite. Ambos partilham a sensibilidade, conectando-se através da capacidade de extrair emoções e reflexões perante o espectador, seja por meio das palavras de Bernardo Soares ou de Vicente Guedes ou pelas fotografias de Alisa Resnik.

Por uma questão de lógica, a este capítulo segue-se o da temática *A cidade e a noite: deambulação entre o real e o onírico* onde desenvolvo a questão da realidade e o mundo dos sonhos de Bernardo Soares em correlação com a deambulação noturna de Alisa Resnik pela complexidade da noite, destacando as figuras da noite como centrais enquanto no caso do *Livro do Desassossego* a figura central é o próprio Bernardo Soares embora apareçam aqui e ali personagens da realidade quotidiana da Baixa lisboeta. Antecipa-se a metáfora da deambulação pela cidade para a procura de significado, a noite com o seu carácter misterioso que oferece terreno fértil para a divagação dos sonhos de Bernardo Soares.

No seguinte capítulo, prioriza-se a conexão com a figura humana explorando o tema *A presença das figuras humanas – o confronto com o outro* no qual exponho a perspectiva de Alisa Resnik e Bernardo Soares, perante o outro. É analisada a complexidade das relações interpessoais e da influência das figuras humanas. É feita a reflexão de como Alisa Resnik e Bernardo Soares interagem com o outro e como se deixam influenciar, sendo que ambos tinha visões diferentes no que toca a essa interação.

Por último, termino com o capítulo que analisa *O domínio da literatura em fotografia* no qual exponho a questão, através de exemplos, de que existe bastante influência de uma na outra e que ambas se podem completar, abordando muitas vezes as mesmas questões e temáticas.

Como subcapítulo a este, fazendo uso das obras em análise, interpreto alguns fragmentos do *Livro de Desassossego* de Bernardo Soares e Vicente Guedes que conecto com fotografias escolhidas por mim de *One Another* de Alisa Resnik.

**I -  
Aproximação  
entre o *Livro*  
*do*  
*Desassossego*  
e a fotografia  
de Alisa  
Resnik**

Uma vez que esta dissertação se centra na interpretação do *Livro do*

*Desassossego* e do livro de fotografia de Alisa Resnik, este capítulo tem como objetivo apresentar a conexão entre os dois.

A fotografia de Alisa Resnik e o *Livro do Desassossego* distanciam-se por quase um século, no entanto podem destacar-se semelhanças por entre as diferenças que inevitavelmente os constituem.

Desde logo, a conexão entre os títulos - sendo que *One Another* traduzido para português significa *um outro*, este *outro* que está intrinsecamente explícito no *Livro do Desassossego* – aludindo à inquietação constitutiva de quem escreve e no outro com quem Bernardo Soares se tenta conectar.

De modo mais imediato, a afinidade é reconhecida pela própria Alisa Resnik, na citação que se segue, que confessa ler desde jovem o *Livro do Desassossego*, não compara o seu trabalho ao de Pessoa diretamente, mas admite que foi uma forte inspiração para as suas fotografias da obra *One Another*, que poderia ser uma interpretação do *Livro do Desassossego* no século XXI:

Acho que existe uma ligação porque algumas frases do livro são tão bonitas... E o meu trabalho também é assim. Não quero comparar-me, de todo, a Fernando Pessoa, não me atrevera, mas acho que no fundo era o que pretendia fazer. A sensação de olhar uma ou duas imagens e sentir aquela beleza, como se sente nas suas frases. Nada mais do que isto. (Marques Maia, 2015).

Bernardo Soares e Alisa Resnik são ambos artistas *flaneurs* que associam a criação à deambulação pela cidade, dão prioridade à noite e à quimera. É através de imagens ou

texto que ambos nos transmitem as suas visões pessoais de duas cidades opostas - Lisboa e Berlim.

O *Livro do Desassossego* tem sido especialmente propício como estímulo criativo para vários fotógrafos contemporâneos, além de Alisa Resnik: o americano John Howard Wolf com a sua exposição *Nirvana do Carteiro*<sup>1</sup> em Lisboa (2018) na qual faz a sua interpretação pessoal do *Livro do Desassossego* de Bernardo Soares.

A portuguesa Ana Carvalho com a exposição em Paris *L'Horloge de l'Âme*<sup>2</sup>(2020) em que, com base nas citações do *Livro do Desassossego* se estabelece um diálogo entre a fotógrafa e o poeta.

A fotógrafa Maria Stefossi com a sua exposição na embaixada portuguesa, na Grécia, intitulada *Livro do Desassossego*<sup>3</sup> que expressa o desassossego interior, inclusive Maria Stefossi não sendo um dos eus de Pessoa poderia parecer-se com um.

É possível, através do trabalho destes quatro fotógrafos, por exemplo, encontrar semelhanças nos caminhos abordados porque todos traduzem a sua visão da obra do poeta em fotografia de autor e misturam uma perspetiva geral com a sua interpretação pessoal do *Livro do Desassossego*.

Neste caso, é significativo que fotógrafos, para além de Alisa Resnik, continuem a utilizar o *Livro do Desassossego* em projetos sobre a sociedade contemporânea o que ilustra bem o quão atual e atuante são as deambulações fragmentadas escritas por Bernardo Soares. Através da dita fragmentação e da alienação, Bernardo Soares representa-nos um ser desconectado do mundo em seu redor, sensação essa que pode ser

---

<sup>1</sup> <https://culturadeborla.blogs.sapo.pt/o-livro-do-desassossego-inspira-6361193> (consultado a 23/05/2023)

<sup>2</sup> <https://lusojornal.com/exposicao-da-fotografa-ana-carvalho-na-casa-de-portugal-andre-de-gouveia/> (consultado a 23/05/2023)

<sup>3</sup> <https://atenas.embaixadaportugal.mne.gov.pt/pt/a-embaixada/noticias/fernando-pessoa,-livro-do-desassossego-exposicao-de-fotografia> (consultado a 6/08/2023)

observada na sociedade atual. As pessoas andam em círculos e sentem-se desconcertadas com os outros e a vida.

Por consequência, identifica-se, também, pelas reflexões repetitivas sobre a sua existência, que Bernardo Soares aborda através de questões filosóficas como a busca pelo significado da vida e a angústia perante o tempo que não passava. Essas mesmas questões, hoje mais que nunca, surgem quando indivíduos perdidos questionam o sentido e o propósito da sua vida, o que leva à questão do conflito entre a individualidade e a sociedade, como desenvolve o filósofo George Rudolf Lind no seu ensaio *Moral development and reality: Beyond the theories of Kohlberg and Piaget* (2000) onde o mesmo nos fala que a individualidade está ligada à capacidade de tomar decisões morais baseadas em princípios pessoais, e não simplesmente a seguir normas externas. A autonomia moral é uma característica fundamental de quem desenvolve uma identidade própria. Por exemplo, uma pessoa que, apesar de viver numa sociedade onde a corrupção é comum, escolhe não se envolver em práticas corruptas, porque acredita que a honestidade é um valor fundamental, está a expressar a sua individualidade moral.

O filósofo acredita, também, no desenvolvimento de juízos pessoais e que a individualidade se manifesta na maneira como um indivíduo desenvolve os seus próprios juízos e critérios para avaliar as situações. Ao invés de adotar passivamente os valores impostos pela sociedade, uma pessoa com uma forte individualidade moral é capaz de refletir sobre os diferentes aspetos de uma situação e formar uma opinião própria. Por exemplo, alguém que, após uma discussão sobre um tema importante, forma a sua opinião pessoal sobre o mesmo, sem se deixar levar apenas pelas opiniões dos demais, está a exercer a sua individualidade no processo de construção de juízos morais. A individualidade também se relaciona com a procura pessoal por significado e propósito na vida.

George Rudolf Lind sugere ainda que o desenvolvimento da moralidade é parte de um processo mais amplo de autoconhecimento e construção de identidade. Um exemplo disso seria uma pessoa que, após uma experiência de vida traumática (como viajar para um país em desenvolvimento ou passar por uma perda), decide mudar a sua vida, à procura de um propósito maior que esteja alinhado com seus próprios valores em parte motivados por a tal experiência. Esse movimento é uma expressão de individualidade, já que a decisão vem de uma reflexão pessoal profunda sobre o que ela acredita ser importante na vida e no seu caminho de encontrar um propósito.

Bernardo Soares discute inúmeras vezes sobre a tensão entre o indivíduo e a (in)adaptação à sociedade e isso também é possível de encontrar na sociedade contemporânea em que as pessoas passam pela pressão de se encaixar nos padrões definidos, mas não querem perder a sua individualidade.

Sendo o *Livro do Desassossego* a obra base desta investigação, vale a pena atentar na descrição do semi-heterónimo Bernardo Soares realizada por Pessoa:

Era um homem que aparentava trinta anos, magro, mais alto que baixo, curvado exageradamente quando sentado, mas menos quando de pé, vestido com um certo desleixo não inteiramente desleixado. Na face pálida e sem interesse, e era difícil definir que espécie de sofrimento esse ar indicava – parecia indicar vários, privações, angustias, e aquele sofrimento que nasce da indiferença que provem de ter sofrido muito. (Pessoa, 2014:33)

Com efeito, sobressai a sua peculiar personalidade e fisionomia, com a sua forma de ser tudo sem realmente o ser, e com o seu sofrimento característico. Ressalto também

a inevitável comparação a uma das várias fotografias de Alisa Resnik (figura 1), uma na qual existe uma figura que partilha o aspeto sofrido e desleixado que Bernardo Soares carregava, é através destas aproximações que comprovamos como *One Another* podia ser um foto-livro do *Livro do Desassossego*.



Figura 1 Resnik, 2013

*O Livro do Desassossego* de Fernando Pessoa, é uma das obras mais fascinantes e desafiadoras da literatura portuguesa.

Escrita entre 1913 e 1935, a obra permanece, até hoje, um exemplo da fragmentação e da indecisão que caracterizam o pensamento pessoano. A sua publicação não foi uma tarefa simples porque Fernando Pessoa deixou a obra em forma de cadernos soltos com vários fragmentos, sem nunca a conceber como um todo definitivo com um princípio meio e fim.

Esta característica peculiar do processo criativo de Fernando Pessoa reflete-se nas edições da obra, marcadas por múltiplas edições e revisões que tentam consolidar a

complexidade do texto. Inclusive o site Arquivo LdoD onde é possível aceder a partes da obra e do qual fiz também utilização para esta investigação.<sup>4</sup>

Como mencionei, a obra possui diferentes edições que apresentam abordagens e formatos variados, desde a sua primeira publicação, organizada por Maria José de Lancastre em 1982, muitas outras edições<sup>5</sup> foram lançadas posteriormente sempre com critérios diferentes de ordenação. Inclusive algumas versões incluem uma compilação mais seletiva de fragmentos do que outras que incluem grande parte dos mesmos e variantes.

Para além disso, existem também edições comentadas, que trazem análises e interpretações de especialistas como a edição utilizada nesta investigação sendo inclusive essa umas das razões por ter sido a escolhida e também por ser a primeira com a qual tive contacto,<sup>6</sup> entre outras, como a de Richard Zenith ou a da Teresa Sobral Cunha que inclui Vicente Guedes e é um repescar da primeira edição publicada.

Existem, também, edições ilustradas, que adicionam imagens para complementar a experiência da leitura. Essas diferentes edições permitem aos leitores explorar o rico universo do *Livro do Desassossego* de formas distintas.

“No labirinto de mim próprio, ando sempre às apalpadelas, tateando as paredes do meu ser, as paredes lisas que me rodeiam, estranhas e inamovíveis” (Arquivo LdoD, 2017) através da citação é explorada a questão labiríntica da existência, levando quem lê a uma introspeção pelos labirintos da mente.

---

<sup>4</sup> <https://ldod.uc.pt>

<sup>5</sup> Edição de Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha (Ática, 1982); Edição de Jacinto Prado Coelho (Ática, 1985); Edição Richard Zenith (Assírio&Alvim, 1998); Edição de Cleonice Berardinelli (Nova Aguilar, 2006); Edição Jerónimo Pizarro (Tinta da China, 2010); Edição de Teresa Rita Lopes (Leya, 2010); Edição António Cardiello e Fernando Cabral Martins (Assírio&Alvim, 2010);

<sup>6</sup> *Livro do Desassossego*, Fernando Pessoa – Edição de Jerónimo Pizarro, Lisboa, Tinta da China, 2014, as páginas da versão em papel são sempre desta edição. No entanto, convoco outros excertos das edições online que indico em nota como as do site Arquivo do LdoD.

O *Livro do Desassossego* é um conjunto de fragmentos, escritos com base nas diferentes emoções de Bernardo Soares e Vicente Guedes. Que se identificam profundamente com os pensamentos e emoções do indivíduo. Através dessa abordagem labiríntica, Fernando Pessoa representa, através de Bernardo Soares, a busca incessante pela identidade, o confronto com a angústia existencial e a tentativa de encontrar significado num mundo repleto de incertezas e ambiguidades.

O labirinto é também uma metáfora para a vida, é empregue como “quase real” na complexidade do interior da mente humana. Os heterónimos de Pessoa são o exemplo de isso, deambulam por corredores tortuosos, confrontando-se com dilemas emocionais e filosóficos, à procura de desvendar sentimentos e desejos mais profundos.

Nessa representação labiríntica, ressalta a multiplicidade de partes que constituem a psique humana e a dificuldade de encontrar um caminho claro e linear em meio a tantos desafios psicológicos. Esta procura por um caminho conecta-se diretamente com a procura pela saída, fictícia ou não. Quem lê estes fragmentos de Bernardo Soares, acompanha essa sua procura que se torna angustiante devido ao seu desassossego permanente.

Por outro lado, este labirinto é representado, também, como um espaço enigmático onde preocupações como a própria existência e as emoções humanas se atrapalham com a incessante procura de Bernardo Soares pela saída do labirinto.

No caso, a metáfora do labirinto, representa a dualidade entre o desassossego e o enigmático refletindo a condição humana do labirinto interno que caracteriza a constante mudança, tanto interior como ao redor do indivíduo. O labirinto representa também a força motriz, que está sempre associada ao autor, é a inquietude, a procura por significado e a exploração dos diferentes eus através dos heterónimos. O labirinto torna-se uma metáfora para a complexidade e profundidade da sua própria mente criativa.

Convoco agora para a caracterização de Fernando Pessoa sobre Vicente Guedes, segue a citação:

A certa altura ele perguntou-me se eu escrevia. Respondi que sim. Falei-lhe da revista Orpheu, que havia pouco aparecera. Ele elogiou-a bastante, e eu então pasmei deveras. Permiti-me observar-lhe que estranhava, porque a arte dos que escreveram em Orpheu sói ser para poucos. Ele disse-me que talvez fosse dos poucos. De resto, acrescentou, essa arte não lhe trouxera propriamente novidade: e timidamente observou que, não tendo para onde ir nem que fazer, nem amigos que o visitasse, nem interesse em ler livros, soía gastar as suas noites, no seu quarto alugado, escrevendo também. (Pessoa, 2014:34)

Vicente Guedes era uma personagem tanto ou mais fragmentada que a obra que lhe deu “vida”. A obra é uma inquietante viagem entre o real e o onírico onde Pessoa estabelece “conversas” com ele mesmo como no excerto acima, em que esta dualidade de personalidade abrange para várias comparações, tal como a que desenvolvo nesta investigação com Alisa Resnik e o seu trabalho *One Another*.

Alisa Resnik<sup>7</sup>, nascida a 21 de Abril de 1976 na Rússia, mais de 80 anos depois de Fernando Pessoa, admite que sempre leu o poeta desde que se lembra. Da sua infância na Rússia guarda as cores, o azul e o verde-escuros que conseguimos notar na maior parte das suas fotografias. As memórias da escola e da neve também alimentam a sua imaginação e são fonte criativa, apesar destas não se aplicarem em *One Another*.

Para *One Another*, o projeto fotográfico em análise, a fotógrafa centra-se em retratos crus e imagens simbólicas para explorar a natureza das ligações entre os indivíduos, com principal importância para esta última a conexão entre as pessoas. Por

---

<sup>7</sup> Alisa Resnik estudou inicialmente história da arte em Berlim e Bolonha, só em 2008 é que se inicia na fotografia e passa a ser membro da *Prospekt* em 2009 e do *TEMPS ZERO* em 2012. Como fotógrafa ganha em 2013 o prémio da *European Publishers* e, um ano mais tarde, é nomeada para os *Oskar Barnak*.

meio da sua abordagem poética, Alisa Resnik captura esses momentos e emoções de complexidade das interações entre os indivíduos.

Este projeto convida os espectadores a refletirem sobre temas como identidade, intimidade e vínculos humanos, levando-os a uma jornada visual e emocional profundamente cativante.

Alisa Resnik resgata as memórias das férias com os avós em Odessa, já que locais da casa de família são replicados e projetados nos ambientes com que se depara sozinha nas noites de Berlim, corredores escuros, espaços pequenos, bares, ambientes frios e pesados que a recordavam daquela casa de verão, fazendo-a aproximar-se da família numa época especial (o Natal) em que estava longe de casa.

Em alguns entrevistas e conversas, os jornalistas questionam Alisa Resnik sobre o porquê da noite, da procura pelo peculiar, porquê aqueles ambientes<sup>8</sup> e o mais curioso é que quanto ao procurar do peculiar, este surge pontualmente, a fotógrafa desfruta e apropria-se desse momento que sem grande esforço cénico chegou até si, como na imagem seguinte, onde uma jovem desprovida de roupa se encontra sentada num estabelecimento público abraçada a um animal selvagem, o mais interessante é que esta é sem dúvida das fotografias mais despropositadas de *One Another*, certamente a mais peculiar, onde o animal surge como proteção e adereço para a mulher, o que nos remete à pintura romântica, por exemplo Johann Heinrich Füssli no quadro *Pesadelo* (1781). Aqui o animal substitui a ideia de roupa que a mulher poderia ter vestida. Esta situação na fotografia transmite alguma vulnerabilidade, por ser alguém do sexo feminino, desprovida de roupa e exposta que contrasta com a escolha de um animal selvagem, no entanto, o mesmo, transmite também um aspeto vulnerável, fica a questão no ar de quem protege quem devido ao gesto da mulher.

---

<sup>8</sup><https://www.publico.pt/2015/12/14/p3/fotogaleria/uma-russa-fernando-pessoa-e-o-fotolivro-do-desassossego-385545> (consultado a 09/12/2022)



*Figura 2 Resnik, 2013*

Alisa Resnik diz-nos que não o procurava intencionalmente, pelo menos ao início e acabavam por surgir estas composições de certa estranheza que a cativaram a encenar ou procurar por mais.

Relativamente à noite, foi uma contingência tendo em conta que a maior parte destas fotografias foram na noite de 24 para 25 de Dezembro a os seus amigos estavam

fora da cidade para passar as festividades e ela estava longe de casa, por ser russa e não festejar o Natal na mesma época.

Tal como Bernardo Soares, Alisa Resnik alimentou-se de outras inspirações e uma delas é a suposta frase do poeta russo Joseph Brodsky “Pois a escuridão restaura o que a luz não pode reparar”. É esta a conclusão que tira ao ter começado a fotografar de noite, percebeu que a verdade sobressai mais e que os seres que deambulavam pelas ruas eram diferentes e não apenas diferentes de si, mas diferentes do geral porque a maior parte não se via de dia e esse é o fundamento de *One Another* – o outro, um outro, o foragido, o estranho, o diferente.

Para si, a luz devia ser sempre promissora e nunca o que impedisse uma ação e, por isso, as fotografias de *One Another* são na grande maioria de noite, com focos de luz em locais específicos como rostos, mãos, janelas, objetos. É satisfatória a procura por proximidade nas suas fotografias, notória na forma como por vezes se aproxima das figuras que fotografa, porque atrás da câmara não está apenas Alisa Resnik, está um olhar curioso e introspetivo. É devido a esta desmontagem do óbvio que conseguimos conectar a fotografia de Alisa ao *sonho/onírico* presente no *Livro do Desassossego*.

É certo que em Alisa o sonho é produzido e encenado, pois não estamos a trabalhar com fotojornalismo, no entanto através das figuras da noite Alisa Resnik apropria-se dessas imagens editando o contraste, as luzes e sombras que abrem asas à imaginação de que existe algo para lá da noite. No fundo, este afastamento da realidade através da pós-produção funciona como uma impressão digital na fotografia de Alisa Resnik, todas as suas fotografias têm esse carácter onírico e encenado que se torna estético.

Charles Baudelaire, que tal como Alisa Resnik também explorou as figuras da noite, aborda-nos, em *As Flores do Mal* de 1857, essa mesma questão de que a beleza também está no extravagante e no escondido, e não só no bom e belo. É este o desafio da

arte moderna e contemporânea extrair arte a partir do absurdo, do feio, do negligenciado e que anteriormente seria excluído.

Em todos os seus trabalhos, a fotógrafa pretende ir sempre além da simples caracterização de alguém ou de algum local. Tal, mais uma vez, estende-nos a imaginação para fora do estritamente real o que é um dos poderes da arte em geral – dar ao espectador a oportunidade de extrapolar e imaginar, não necessariamente entrando no mundo paralelo do sonho, mas extrapolando para uma história possível.

A fotografia de Alisa Resnik é tal como a própria fotógrafa a caracteriza – misteriosa e sempre com um duplo sentido -, inclusive a artista diz que não queria a fotografia como fonte de expressão inicialmente, no entanto percebeu que tinha igualmente um suporte para além das palavras, como lemos no excerto a seguir:

Percebi que era mais do que apenas guardar memórias. Ter uma câmara comigo influenciou o curso das minhas próprias colisões com o mundo. Eu também conseguia comunicar por meio de fotos, muito melhor do que palavras. (Resnik, 2022)

Esse mesmo ponto conseguimos destacar em *A Câmara Clara* (1980), escrita por Roland Barthes, e estabelecer a conexão ao *Livro do Desassossego*, através da exploração da subjetividade e do poder evocativo da imagem. Ambas as obras imergem na reflexão profunda sobre a natureza da experiência humana, sobre a dualidade e a forma como a arte pode capturar a essência de momentos efêmeros. Enquanto o *Livro do Desassossego* apresenta fragmentos de pensamentos e emoções, descrevendo a inquietude existencial de Bernardo Soares, *A Câmara Clara* aborda a fotografia como uma linguagem capaz de evocar lembranças, emoções e conexões pessoais. Ambos os autores exploram a capacidade das imagens - seja por meio da palavra escrita ou da fotografia - de nos

transportar para além da realidade imediata, permitindo-nos refletir sobre as profundezas da condição humana e a natureza efémera da vida.

A 'Câmara Clara' é esse acidente que me define. Eu não sou, nunca fui, mas eu acabo de tornar-me: um sujeito ao qual a Câmara apela, mas que permanece em si mesmo, em estado de suspensão, em potencial (o que não me impede de ser em perigo, de estar ameaçado). (Barthes, 2012:44)

Dos vários temas em comum entre Alisa Resnik e o *Livro do Desassossego*, a cidade é um dos mais destacados.

A cidade sempre foi vista como uma peça significante nas obras literárias desde a modernidade, principalmente devido ao seu carácter muitas vezes único e interpretativo. Como em Walter Benjamin que vê a cidade moderna como um elemento fundamental na transformação da perceção e da experiência do mundo moderno.

Na sua obra *A Passagem*, Benjamin explora como grandes cidades, como Paris, representam a alienação e a fragmentação da vida urbana moderna, tornando-se espaços de novas formas de olhar e sentir. A cidade, para o filósofo, não é mais do que um mero cenário e um símbolo das mudanças sociais, tecnológicas e culturais que definem a modernidade.

O flaneur, a já mencionada figura do observador que vagueia pelas ruas da cidade, é um conceito crucial para entender essa relação entre a cidade e a subjetividade. A cidade, é um espaço carregado de significados complexos, onde os indivíduos, imersos na corrente da modernidade experienciam uma realidade desconectada e, ao mesmo tempo, rica em interpretações. A cidade torna-se uma metáfora do mundo moderno, onde a experiência e a memória se transformam, tornando-se interpretativas e fragmentadas.

Numa outra perspetiva podemos mencionar Hélder Macedo que na sua obra *A*

*cidade e o outro*, utiliza a cidade como um cenário simbólico que reflete a construção de identidade e o conflito entre tradição e modernidade.

Na sua análise da poesia de Cesário Verde, o escritor destaca como o poeta vê a cidade como um espaço de tensão, onde o urbano se manifesta tanto como um local de acolhimento quanto de alienação. Através dos versos de Cesário Verde, a cidade surge não apenas como um cenário físico, mas como um reflexo das complexas dinâmicas sociais e emocionais da modernidade.

Para Macedo, Cesário Verde utiliza a cidade para expor as contradições da sociedade, onde o indivíduo moderno se confronta com as transformações sociais, econômicas e culturais que marcam o século XIX. A cidade verdeana, com as suas ruas, mercados e personagens urbanos, é um espaço de profundas tensões, representando tanto o progresso como a alienação, sendo ao mesmo tempo uma prisão e um espaço de liberdade para os indivíduos.

A obra de Cesário Verde, como analisou Macedo, revela uma cidade multifacetada, onde o antigo e o novo se encontram e se confrontam de forma dramática, sendo a cidade, assim, uma metáfora de mudança e de desconstrução das certezas do passado.

La Salette Loureiro, na sua obra sobre a literatura urbana - *A cidade como texto: leitura da modernidade na literatura urbana* - aborda a cidade como um símbolo do progresso e da decadência simultâneos, que definem a experiência humana da modernidade. A sua visão converge todas as perspectivas anteriormente mencionadas.

Para Loureiro, a cidade moderna é um espaço plural e multifacetado, onde as contradições e complexidades sociais e culturais se manifestam de forma vívida. Destaca que a cidade, nas obras literárias contemporâneas, não é apenas um local físico, mas um espaço psicológico e social que se interpõe entre o indivíduo e o mundo, desafiando a

percepção e a identidade, o que, também acontece no *Livro do Desassossego*.

A cidade moderna é, um elemento de forte caráter interpretativo, que revela as tensões do sujeito urbano num mundo em constante transformação. A escritora sugere ainda que a cidade, como cenário e símbolo na literatura, é um reflexo da fragmentação da experiência humana, onde o indivíduo está simultaneamente imerso numa rede de relações e distâncias, sendo constantemente reconfigurado pelo espaço urbano. Dessa forma, a cidade na literatura contemporânea apresenta-se como um lugar de descobertas e de desconstruções, onde cada esquina ou rua pode ter múltiplos significados, dependendo da perspectiva do observador.

A vantagem da cidade é que cabe a quem a analisa interpretá-la. A mesma cidade pode representar inúmeras perspectivas, como das várias interpretações da cidade de Lisboa que lemos nos romances, por exemplo, de José Saramago, a cidade de *o Ensaio Sobre a Cegueira* não é a mesma do *Ano da Morte de Ricardo Reis* apesar de o autor ser o mesmo e a cidade ser Lisboa, a interpretação e o observador literário são diferentes.

No caso de Bernardo Soares no *Livro do Desassossego* a cidade passa principalmente pelos seus percursos, que fazia não apenas para descobrir a cidade no seu todo como a si mesmo e ao seu *eu* fragmentado como nos diz La Salette Loureiro na seguinte citação:

No caso de Bernardo Soares, as peregrinações pela cidade constituem, quase sempre, uma atividade decifradora intencional, não só do mundo exterior, vasto e misterioso, mas também do seu próprio eu, igualmente enigmático, tanto como a própria Vida. (Loureiro, 1996:184)

Assim, ao interligar o desassossego à cidade, encontra uma fonte para explorar aquilo que sentia em si, assemelhando-se ele próprio à cidade por onde deambulava.

Logo, a cidade para Bernardo Soares tinha uma conotação caracterizadora e decisiva e isso não encontramos no trabalho de Alisa Resnik – *One Another*.

Alisa Resnik traz-nos uma cidade principalmente à noite que é escura e sombria, mas que se torna a tela branca para as suas fotografias, as quais utiliza quase como um *hobbie* para o tempo passar mais rápido (por um período de cinco anos) numa cidade que não era sua e onde à data estava sozinha. Ao contrário de Bernardo Soares, Alisa Resnik nunca foi à procura do desassossego característico da cidade, mas este pareceu ir sempre ao seu encontro através da interação com estranhos ou nas situações peculiares com que se deparava num beco ou num hotel mais duvidoso. Para Alisa, tudo o que surge em *One Another* torna-se ao mesmo tempo casual e surpreendente porque, contrariamente a Bernardo Soares, ela nunca se deixou afetar pela cidade ao ponto de esta ditar a sua consciência ou estado de espírito como com Vicente Guedes no exemplo que se segue:

“Chove, chove, chove...  
Chove constantemente, gemedoramente,  
Meu corpo treme-me a alma de frio... Não um frio que há no  
espaço, mas um frio que há em ser eu ser o espaço...” (Pessoa, 2014:39)

No *Livro do Desassossego*, é clara a ligação ao sentir, ao sentir a cidade como sua, não como posse, mas como consciência, como controladora de um desassossego que não termina e que é alimentado por deambulações consecutivas pelo espaço urbano.

A minha consciência da cidade é, por dentro, a minha consciência de mim. Nas ruas labirínticas, emaranhadas de destinos e histórias, eu me perco e me encontro, desvendando a cidade e a mim mesmo, como se fossem um só labirinto entrelaçado. (Arquivo LdoD, 2017).

A ação de deambular, física e mentalmente, pela cidade, é ponto em comum a ambos os artistas, apesar de que com objetivos diferentes.

Enquanto, para Bernardo Soares, cada deambulação, cada pensamento, cada pedaço seu que deixava na cidade era um fragmento, Alisa Resnik criou uma linha temporal que se mistura e contorce em *One Another* e onde é difícil identificar início e fim. Tal indefinição temporal interpretada à letra assemelhar-se-ia à exaustão de pensamentos fragmentados e mal datados com que nos deixou Bernardo Soares, no entanto cada deambulação para Bernardo Soares era um processo e para Alisa Resnik era uma história.

Cada momento decisivo eternizado numa fotografia, por Alisa Resnik, era mais do que tudo a ligação que criou com quem fotografou mesmo que muitas vezes a situação se tornasse bizarra. A história que antecipou a fotografia era sempre o mais importante, o mais real e essa situação resultou de uma deambulação por Berlim? Sim, mas esse era só um pormenor que não deixava de mencionar apenas para sabermos que se inspirava em Fernando Pessoa e não em Bernardo Soares, que não criava realmente uma relação nas suas deambulações e, mesmo rodeado da maior multidão, se sentia sozinho porque se mantinha no processo de desafiar o seu desassossego interior.

Em vez de almoçar – necessidade que tenho de fazer acontecer-me todos os dias – fui ver o Tejo, e voltei a vaguear pelas ruas sem mesmo supor que achei útil à alma vê-lo. Ainda assim...

Viver não vale a pena. Só olhar é que vale a pena. Poder olhar sem viver realizaria a felicidade, mas é impossível, como tudo quanto costuma ser o que sonhamos. O êxtase que não contivesse a vida... (Pessoa, 2014:218)

Com pequenos detalhes, analisamos como Alisa Resnik se aproxima e distancia de Bernardo Soares em segundos, no entanto partem do mesmo princípio – o fragmento. Este fragmento que assume duas formas tão distintas, texto e imagem. A fragmentação de Bernardo Soares é tanto no *Livro do Desassossego* como no seu próprio *eu* e estão inteiramente relacionados com as suas deambulações pela Baixa Lisboa onde

repetidamente fazia percursos semelhantes sempre à procura de sinais para o seu *eu* preocupado.

No caso de Alisa Resnik, este fragmento é, como nos faz perceber na sua entrevista ao *P3*<sup>9</sup>, uma inspiração. *One Another* não é um fragmento ocasional, é certo que a situação foi propícia e que é uma escolha sua a transformação do momento decisivo em fragmentos fotográficos, mas não deixa de ser curioso como cada uma das imagens poderia identificar-se com um fragmento escrito do *Livro do Desassossego*. Alisa não esconde que lia Fernando Pessoa e que este estava consigo enquanto fotografava e talvez o abstrato, já abordado anteriormente, aquela estranheza que Bernardo Soares também carrega, não a persegua e todas as situações fossem acasos, mas a sua mente estava mais desperta para as fotografar devido a ter lido o *Livro do Desassossego*.

Interessante é como as fotografias de uma jovem realizadas em meados de 2013 se podem identificar e criar correspondência à escrita de um ser tão peculiar e fragmentado que lia os seus sentimentos através da cidade e antecipava a sensação de morte no presente, como podemos comprovar na passagem seguinte.

Todo o amontoado irregular e montanhoso da cidade parece-me hoje uma planície, uma planície de chuva. Por onde quer que alongue os olhos tudo é cor de chuva, negro-pálido.

Tenho sensações estranhas, todas elas frias. Ora me parece que a paisagem essencial é bruma, e que as casas é que são a bruma que a vela...

Uma espécie de pré-neurose do que serei quando já. for gela-me corpo e alma. Uma como que lembrança da minha morte futura arrepia-me de dentro. Numa névoa de intuição sinto-me matéria morta, caído na chuva, gemido pelo vento  
E o frio que não sentirei morde o coração atual. (Pessoa, 2014:84)

---

<sup>9</sup> *Uma russa, Fernando Pessoa e o fotolivro do desassossego*  
<https://www.publico.pt/2015/12/14/p3/fotogaleria/uma-russa-fernando-pessoa-e-o-fotolivro-do-desassossego-385545>

Duas cidades diferentes, Berlim e Lisboa, que estão em sintonia nos sentimentos de dois artistas, Alisa Resnik e Bernardo Soares, que mesmo em épocas diferentes, se aproximam tanto.

Como mencionado anteriormente, esta é a função da cidade, a de ser interpretada por qualquer que seja o observador, independentemente das suas condições psíquicas ou da época em que se insere. A cidade é a tela em branco para mentes desassossegadas como a de Alisa Resnik e de Fernando Pessoa, independentemente do propósito que se tenha ou dos pensamentos que os assombrem.

Para consolidar este capítulo, ressalto a origem etimológica da palavra *fotografia*.

A palavra *fotografia* vem do grego, que significa *gravar com luz* em que *foto* significa luz e *grafia* marcar. A origem deve-se à forma como se processa o ato de fotografar, principalmente nos primórdios da fotografia, onde a criação de imagens era baseada na captura de exposição da luz através de uma lente sensível ao efeito dentro de uma caixa negra.

No caso, *One Another* será a *foto* e o *Livro do Desassossego* a *grafia* numa mistura de duas artes que se completam, como nos diz Walter Benjamin (na citação que se segue) do seu ensaio *Pequena História da Fotografia*, habilidade fotográfica pode ser excepcional, mas que vir uma fotografia vai procurar sempre um propósito, uma história:

Apesar de toda a habilidade artística do fotógrafo e da metodologia na atitude do seu modelo, quem contempla a fotografia sente o impulso irresistível de procurar, aqui e agora, o cintilar insignificante do acaso com o qual a realidade, por assim dizer, ateou o carácter da imagem, sente o impulso irresistível de encontrar o ponto singelo em que a existência de cada minuto há muito decorrido contém o vindouro e de forma tão convincente que nós, retrospectivamente, o podemos descobrir. (Benjamin, 1987:117-118).

**II - A cidade  
e a noite:  
deambulação  
entre o real e  
o onírico**

**A** Cidade e a Noite são um enquadramento comum nas obras de Bernardo

Soares e Alisa Resnik, como já referi no capítulo anterior. Ambos exploram a dualidade e os contrastes entre a cidade diurna e a cidade noturna imersa na escuridão, oferecendo visões e interpretações individuais. A cidade noturna surge desde Baudelaire e os artistas que marcam a modernidade como o lugar por excelência da crítica à ideia do progresso por via da produção maciça e do consumo já que o contraponto noturno sublinha os marginalizados e excluídos desse ideal.

Para Bernardo Soares, a cidade de noite representa um cenário de solidão e introspeção, ele vê a noite como um momento em que as máscaras da sociedade caem revelando outra faceta das pessoas. Para ele, a cidade de noite, as ruas pelas quais passava como a rua dos Douradores, o escritório, o seu quarto alugado na baixa, são uma paisagem melancólica, onde os sonhos e as inquietações interiores ganham vida e o confronto com os outros, poucas vezes desejado, acontece mesmo preferindo o isolamento, evitando o contacto com as pessoas, dispensava tal ação porque o desconcertava:

Não são as paredes reles do meu quarto vulgar, nem as secretarias velhas do escritório alheio, nem a pobreza das ruas intermédias da Baixa usual, tantas vezes por mim percorridas que já me parecem ter usurpado a fixidez da irreparabilidade, que formam no meu espírito a náusea, que nele é frequente, da quotidianidade enxovalhante da vida. São as pessoas que habitualmente me cercam, são as almas que, desconhecendo-me, todos os dias me conhecem com o convívio e a fala, que me põem na garganta do espírito o nó salivar do desgosto físico. (Pessoa, 2014:296)

Já no caso de Alisa Resnik, a cidade e a noite são elementos que atraem a sua atenção como fotógrafa. Ela procura capturar a atmosfera única que envolve as cidades durante a noite, explorando as interações humanas, os contrastes de luz e sombra, e os

estados de espírito que emergem nesse ambiente de uma cidade depois do desassossego do dia.

As suas fotografias procuram transmitir as emoções e sensações que a cidade noturna provoca, oferecendo uma perspectiva única sobre a cidade, após o pôr do sol, proporcionando a revelação de outras facetas escondidas, as mesmas facetas que Bernardo Soares vê e menciona no *Livro do Desassossego*.

Embora a visão de Bernardo Soares seja teórica, e a de Alisa Resnik seja visual, devido ao seu trabalho como fotógrafa e à interação direta com o outro, ambos exploram a dualidade da cidade e da noite como um espaço onde a individualidade se confronta com a coletividade, a solidão com a conexão e o mistério com a realidade.

No *Livro do Desassossego*, a ligação entre a noite e a cidade revela-se como um tema recorrente e profundamente explorado. Ambos encontram nas paisagens noturnas um campo fértil para refletir sobre a existência humana e as experiências que se desdobram nesse ambiente peculiar. É inclusive dessas mesmas experiências noturnas que é feito o livro de Alisa Resnik com base nas entrevistas que já mencionei dadas pela fotógrafa, as quais compreendemos com base nas fotografias de *One Another*.

A noite, com seu carácter obscuro e misterioso, empresta à cidade um novo significado, personificando o espaço, criando uma dimensão alternativa onde os anseios e as angústias dos seus habitantes ganham vida e caracterizam a cidade em que se inserem, incluindo as de Bernardo Soares, que se conectam com o ambiente.

À noite, quando me ponho à janela, todo o espaço que vejo me pertence. Quase posso dizer que tenho a noite toda para mim. [...] Os lampiões da rua têm um jeito particular, uns de me espreitarem, outros de me acenarem. O fio de luz que eles deitam até à minha janela parece um fio de ouro a fazer de conta que me prende à rua. (Pessoa, 2014:224)

Nas páginas deste labirinto em formato de livro, Fernando Pessoa descreve ao pormenor os contornos noturnos da cidade, as ruas desertas banhadas pela luz amarelada dos postes, os edifícios imponentes que parecem guardar segredos impenetráveis, esta menção metafórica aos jogos de luzes e sombras que também estão presentes em Alisa Resnik, mas numa forma técnica e física, inclusive o fragmento acima poderia muito bem ilustrar uma qualquer fotografia de *One Another*.

É na quietude da noite, sendo ele um ser noturno onde se sentia confortável apesar da solidão, que os pensamentos mais profundos e inquietantes emergem, e é nesse cenário sombrio que o eu desassossegado do livro encontra a sua verdadeira expressão.

A cidade, por sua vez, assume um caráter onírico, um palco onde se desenrolam os dramas existenciais do ser humano, os encontros e desencontros, as paixões e os desejos. É o momento em que o flaneur se desinquieta e se abre tornando-se ele próprio a introspeção da cidade, estando em sintonia com as vanguardas modernistas, por valorizar a imaginação:

Nesta cidade que é toda à noite, sinto que tenho dentro de mim todas as cidades do mundo, todas as ruas da Terra. A cidade de fora é apenas uma, mas a cidade que se chama Bernardo Soares tem todas as cidades dentro dela. (Pessoa, 2014:251)

Esta conexão entre a noite e a cidade é explorada de forma poética e filosófica ao longo dos diversos fragmentos. O livro é composto por anotações, pensamentos e reflexões de Bernardo Soares e Vicente Guedes várias delas sobre a noite e o efeito que a mesma tem em si. A noite é retratada como um momento propício para a introspeção e

a reflexão, onde o silêncio e a solidão se tornam aliados na busca por respostas e compreensão do mundo, como na seguinte citação:

A noite põe-me a sonhar. No meu escritório da Baixa, fechado e deserto, sem ruído de passos ou vozes, ouço, ao longe, os últimos elétricos passarem como comboios fúnebres que se sumissem num horizonte que os engolissem. (Pessoa, 2014:)

A cidade do bulício diurno assume o seu reverso no cenário noturno, transformando-se numa entidade misteriosa e por isso assumir o tal carácter onírico, metamorfoseia-se praticamente no mundo paralelo do sonho que nos menciona tantas vezes o sonhador, aquele que vive na irrealidade e que foge às obrigações do mundo quotidiano.

Sonhar é olhar para a cidade invisível e fascinante que vive na penumbra do que vemos. Sonhar é pôr luz na cidade dos mortos que está mais além da cidade dos vivos. A cidade é onde os sonhos são trocados, onde os sonhos são vendidos, onde os sonhos são mortos. Mas, ao mesmo tempo, a cidade é o lugar onde os sonhos nascem. Cada rua é uma encruzilhada de sonhos, cada edifício é um monumento à imaginação. A cidade é o grande palco onde os atores invisíveis do sono encenam suas peças inaudíveis. E quando as cortinas da noite se fecham, a cidade adormece e os sonhadores acordam para o seu mundo. (Pessoa, 2014)

Este fragmento evoca essa mesma atribuição de carácter onírico à cidade, a correspondência entre sonho e noite, descrevendo a cidade como um cenário onde os sonhos nascem e são trocados, mas, ao mesmo tempo, onde muitos são esquecidos. A cidade é vista como um espaço dúplice onde a imaginação inicia e onde os sonhos das pessoas se cruzam, criando uma teia de histórias invisíveis que desempenham o seu papel na noite e contrariam a opressiva cidade diurna.

A noite na cidade, tal como mencionado na obra, revela-se como um espaço de contradições, onde a agitação diurna cede lugar à calma e à contemplação. As ruas

vazias e os prédios iluminados por uma luz difusa conferem à paisagem um caráter enigmático e sedutor. É nesse cenário que Bernardo Soares mergulha nas suas reflexões, questionando a existência, a sua identidade e da própria natureza humana.

No caso de *One Another* de Alisa Resnik a conexão entre a noite e a cidade é perscrutada de forma a explorar o ambiente nas fotografias. O projeto fotográfico captura a atmosfera noturna da cidade de Berlim, revelando um mundo onde a escuridão exprime os segredos da noite.

Assim, Alisa Resnik utiliza a luz e a sombra de maneira habilidosa para criar composições que ressaltam os contrastes e as texturas urbanas durante a noite, cativando o espectador e alimentando a introspeção. Os edifícios iluminados, as ruas vazias e os detalhes arquitetônicos ganham vida sob o véu da escuridão, enquanto as ausências de figuras humanas em algumas das fotografias criam uma sensação de solidão e contemplação.

Ao explorar a ligação entre a noite e a cidade em *One Another*, Alisa Resnik revela uma atmosfera enigmática e fantasmagórica. As imagens convidam o espectador a mergulhar naquele universo noturno de Berlim onde a cidade se transforma num cenário surreal. A escuridão atua como uma tela em branco, onde as formas, as linhas e as cores se destacam de maneira surpreendente.

Através do, já mencionado, uso estratégico da iluminação, a fotógrafa cria um jogo de contrastes e luzes que revelam a essência e a personalidade da cidade, a de se poder ser quem se é e captar o outro como ele é protegido pela escuridão da noite onde Alisa Resnik se torna transparente ao fotografar.

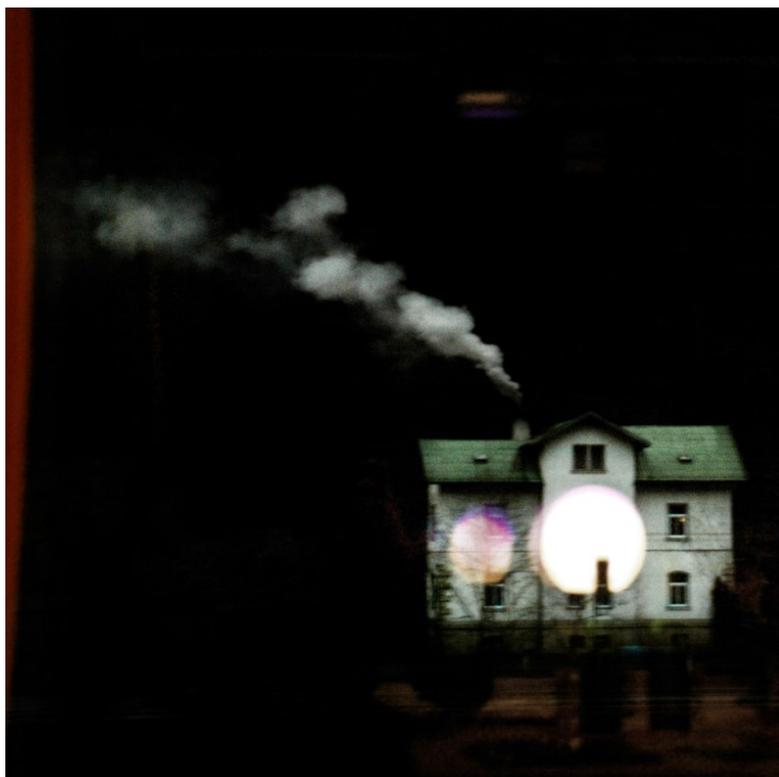
As fotografias capturam momentos fugazes, instantâneos de uma noite imortalizada, vincando sentimentos de mistério, solidão e uma conexão íntima entre o

indivíduo e o ambiente urbano noturno eternizados pelo momento decisivo de um disparo de uma máquina fotográfica.

A noite e a cidade apresentam um papel fulcral na fotografia, principalmente quando se trata de captar a atmosfera do local. Porém, o trabalho do fotógrafo é captar o ângulo certo para demonstrar isso mesmo. As sombras e as luzes ajudam a caracterizar a cidade e são elas que lhe atribuem o carácter misterioso.

O emaranhado de reflexos, que encontramos em algumas fotografias, é uma característica explorada pela fotógrafa na noite e nas suas sombras e reflexos, normalmente são proporcionados através de poças de água ou vitrines de lojas e a luz faz o seu papel ao intensificar as cores ou escurecê-las conforme o objetivo do fotógrafo. Outro elemento relevante são as figuras arquitetónicas (que muitas vezes são utilizada como textura ou detalhe para compor uma fotografia) neste caso, quando tudo na fotografia se dissipa (como quando a luz e reflexos mencionados anteriormente se “desfazem”), existe um elemento arquitetónico sólido que atribui o carácter de consistência à fotografia transmitindo ao espectador essa mensagem, a de segurança e consistência.

Alisa Resnik quis transmitir essa mesma ideia nas suas fotografias como uma atmosfera intensa e dramática, mas sólida e as cores utilizadas- como o preto, castanho e vários tons frios de azul - demonstram isso mesmo tal como os reflexos e as sombras, e em algumas fotografias surgem os tais elementos arquitetónicos, maioritariamente casas, como na seguinte fotografia.



*Figura 3 - Resnik, 2013*

Esta fotografia representa tudo o mencionado anteriormente, temos o “desfazer” das luzes e dos reflexos, as cores castanha e preta que atribuem o carácter fantasmagórico e misterioso e o elemento arquitetónico, no caso uma moradia, que garante à confusão de luzes e desfoco a estabilidade apregoada. Aquela ideia de segurança e persistência que o espectador pode querer interpretar, e a meu ver se pode dissipar um pouco com o pormenor do fumo que sai da chaminé. No entanto o fumo pode representar o desfazer de algo ou a reconstrução do mesmo, consoante a interpretação.

Esta ambiguidade de interpretações é frequente nas fotografias de Alisa Resnik e esse é um dos poderes da fotografia - o de se identificar com o estado de espírito do espectador – nunca delimitando a oportunidade de se colocar no lugar do outro.

Alisa Resnik e Bernardo Soares, apesar de possíveis de aproximações, têm visões distintas em alguns pontos, nomeadamente na questão de interpretação do sonho e do real.

Em Bernardo Soares, no *Livro do Desassossego*, conseguimos estabelecer um percurso onírico e distinguir alturas em que é possível ficar na dúvida se é ou não real, como na *Floresta do Alheamento* onde o sujeito coloca em causa os limites do sonho. “Sei que despertei e que ainda durmo” (Pessoa, 2014:76), neste fragmento existe um sonho do qual o sujeito não sabe se consegue acordar não distinguindo o real do onírico e mantendo-se nesta ambiguidade entre ambos, num universo que não era o seu e num corpo que não sabe se lhe pertence.

No caso de Alisa Resnik, não existe este protagonismo do sonho, apesar de, por vezes, a fotografia proporcionar essa oportunidade ou não consoante a perspetiva em que ela nos coloca.

O mais curioso, quase que por influência de Bernardo Soares, será ver em Alisa uma margem de onírico, um escape nas suas fotografias por vezes tão cruas e reais - imaginar aquilo que não é ou o que falta nas fotografias, sabendo que existe uma limitada encenação nas suas imagens, mas não é como o sonho tão presente no *Livro do Desassossego*.

Enquanto Alisa Resnik foge à alucinação do sonho, Bernardo Soares mergulha nela confundindo quem o estuda e lê sobre as fronteiras do real e do onírico. Este mundo ilusório proporcionado pelo sonho que se assemelha ao mundo real, por vezes, e que temos no *Livro do Desassossego* é tão intenso que se põe constantemente a dúvida se é ou não uma ilusão.

Já em Alisa, tal ambiguidade raramente acontecerá tendo em conta que sabemos as condições e os propósitos pelos quais fotografou e, inclusive, temos as histórias da autora sobre situações verídicas para algumas fotografias, como já citadas anteriormente.

Pelo contrário, Bernardo Soares é bastante complexo, pois mistura elementos tanto naquilo que associa ao mundo real, quanto daquele mundo em que o sonho

permanece. Fernando Pessoa leva Bernardo Soares a deambular livremente entre esses dois universos, criando uma realidade própria e única - sua.

Quando durmo muitos sonhos, venho para a rua, de olhos abertos, ainda com o rastro e a segurança deles. E o pasmo do automatismo meu com que os outros me desconhecem. Porque atravesso a vida quotidiana sem largar a mão da ama astral, e os meus passos na rua vão concordes e consoantes com obscuros desígnios da imaginação de dormir. E na rua vou certo; não cambaleio; respondo bem; existo. (Pessoa, 2014:337).

No *Livro do Desassossego*, por exemplo, é possível encontrar passagens que descrevem cenas cotidianas, como um dia de trabalho ou uma caminhada pelas ruas da cidade, mas também há momentos em que o autor se perde em devaneios e abstrações, criando a sua própria atmosfera onírica e surreal.

De certa forma, essa mistura entre o real e o onírico pode ser vista como uma representação da vida interior do próprio Bernardo Soares, que, assim como o seu criador, era uma personagem introspetiva e profunda, essa é a sua forma de compartilhar com quem o lê, o mundo que se refletiu na volumosa quantidade de fragmentos.

Os devaneios e os sonhos desempenham papel fulcral na narrativa do *Livro do Desassossego* e por isso muitas vezes sobrepõe-se à realidade. A mente fictícia que Pessoa atribui a Bernardo Soares é um campo fértil para a criação de imagens oníricas. Essas mesmas cargas oníricas trazem à tona elementos simbólicos, surrealistas e abstratos, permitindo ao leitor alimentar um universo interior. Por exemplo, em alguns dos fragmentos, com base no *Arquivo do Livro do Desassossego*<sup>10</sup>, Bernardo Soares descreve

---

<sup>10</sup> Marrone, Rita, Bruno Ministro, Bruno Fontes, Cecília Magalhães, Manuel Portela, Mariana Ferreira, Raquel Gonçalves, Rui Silva, e Sofia Escourido, eds. (2017). “Edição Virtual: Jacinto do Prado Coelho - edição anotada”. *Arquivo LdoD: Arquivo Digital Colaborativo do Livro do Desassossego*. Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra. URL: <https://ldod.uc.pt/edition/acronym/LdoD-JPC-anot>

um sonho onde deambula por uma cidade misteriosa, que transmite sensações surreais e desconhecidas. Mais adiante, ele fala sobre a mesma sensação de acordar e não saber se ainda está a sonhar. Esses são apenas alguns exemplos das várias instâncias em que a narrativa explora a sobreposição entre sonho e realidade, trazendo à tona elementos simbólicos e abstratos.

Os meus sonhos são um refúgio estúpido, como um guarda-chuva contra um raio. Sou tão inerte, tão pobrezinho, tão falho de gestos e de atos. Por mais que por mim me embrenhe, todos os atalhos do meu sonho vão dar a clareiras de angústia. (Pessoa, 2014:129)

Bernardo Soares descreve mais uma experiência onírica em que ele vagueia por uma “tempestade de realidade”, com a alma vazia e uma sensação de solidão. Essa passagem demonstra como o sonho é um refúgio ou proteção para a sua “angústia” que, apesar de tudo, volta sempre e para a sua inaptidão para a vida cotidiana.

Assim, o contraste entre o real e o onírico no *Livro do Desassossego* cria uma atmosfera ambígua, onde os limites entre a imaginação, os sonhos e a realidade se diluem. É nessa fronteira tênue que Bernardo Soares explora as suas inquietações existenciais, a procura interior e sua sensação constante de desassossego.

Esta é uma obra que nos leva a refletir constantemente sobre a complexidade da mente humana, os anseios profundos da alma e a interação entre o mundo exterior e a realidade interior, explorando a tensão entre o real e o onírico como um meio de dar voz às profundezas da condição humana. É neste ponto, da interiorização da condição humana, que Alisa Resnik através das suas fotografias, também capta quem é fotografado e a fotografia é trabalhada através da cor e do enquadramento.

Alisa Resnik, em *One Another*, dá-nos uma visão da mente humana, uma

perspetiva mais negra que, apesar de parecer uma porta para um mundo paralelo, é uma perspetiva crua e real da noite em Berlim. *One Another* é, de facto, um projeto fotográfico de grande impacto emocional tal como o *Livro do Desassossego*, que combina retratos íntimos e imagens simbólicas para explorar temas como identidade, intimidade e conexões humanas reais. O trabalho de Alisa Resnik muitas vezes interpela questões emocionais e psicológicas, e as suas fotografias são caracterizadas por uma abordagem reflexiva.



Figura 4 - Resnik, 2013

Através de retratos peculiares, como o que está acima, captura a variedade de emoções e estados de espírito: a melancolia, comum a Bernardo Soares, a curiosidade e

o medo. Cada fotografia proporciona uma reflexão visual sobre aquilo que despertou atenção de Alisa Resnik no momento de fotografar cria uma duplicidade de sentidos – onde o que nos quer dizer pode não ser o que o espectador sente ao ver a fotografia. Algo fundamental será também a reflexão social e cultural que *One Another* implica ao fotografar certos ambientes noturnos, certas minorias e a forma como o faz, desmitificando a situação, porém não deslocando as pessoas fotografadas do seu ambiente, priorizando sempre a relação da pessoa com o espaço. Esta fotografia acima reproduzida dá asas a imaginação para a deambulação entre o real e o onírico, no entanto é importante ter em causa que por vezes essa mesma distinção é difícil de aplicar.

Realço que Alisa Resnik parte do real para o onírico e, em contrapartida, Bernardo Soares faz o caminho contrário, do onírico para o real. É seguro dizer que se falarmos das fotografias de Alisa estamos a falar de algo “real” e sólido que no mínimo terá tido inspiração no onírico ou nos leve a divagar para lá no processo de interpretação, já se falamos de Bernardo Soares podemos assegurar que o seu mundo do sonho teve como base a realidade, mas tudo foi distorcido para a sua própria “realidade onírica”, para aquele sonho constante onde ele habitava e se refugiava do mundo real.

Relativamente à fotografia mencionada acima, é um bom exemplo da questão que Alisa Resnik explora ao fotografar minorias, mas não as deslocar, através de um retrato pouco elaborado, a fotógrafa traz-nos uma imagem cheia de carácter onde a figura principal é o olhar do indivíduo retratado, olhar esse que em parte está tapado pelo cabelo, mas não perde o protagonismo e através do qual podemos imaginar o que o sujeito está a sentir, ou aquilo que não sente devido ao vazio no seu olhar, podíamos supor que seria um olhar de medo, mas a posição tranquila das mãos cruzadas sobre as pernas contrariam essa suposição, assumimos apenas que é um olhar vazio de quem já não tem esperança, algo comum nos indivíduos fotografados por Alisa Resnik e comum também com

Bernardo Soares inclusive esta procura por indivíduos desprovidos de esperança, provavelmente, deve-se à influência dos sentimentos presentes no *Livro do Desassossego*, que como já mencionado, acompanhou Alisa Resnik nesta jornada.

**III - A  
presença das  
figuras  
humanas: o  
confronto  
com o outro**

O confronto com o Outro, como será desenvolvido ao longo do capítulo, é

interpretado por Alisa Resnik de uma forma diferente da de Bernardo Soares.

No *Livro do Desassossego* não existe uma constante de interação com outro, não existe a alternativa à dúvida, assumindo Bernardo Soares todo o papel central já que é a figura humana fictícia principal na narrativa do *Livro do Desassossego*. Tem para consigo mesmo uma ligação de interesse e repulsa, que o monopoliza e distancia das outras figuras humanas porque se vê muitas vezes como diferente ou deslocado.

A sua ligação com o outro cinge-se à suposição, ao contraste consigo porque nunca se distanciou muito do imaginário, sendo, ele próprio, o heterónimo de alguém e uma figura que nunca existiu fisicamente, é mencionado como alguém que ficticiamente gostava de ter amigos imaginários, o que é interessante tendo em conta a sua origem de ser imaginação de alguém.

Utiliza, assim, o outro sempre para se analisar a si mesmo. Para além das raras exceções em que sentia prazer ao conversar com alguém a maior parte das vezes achava isso entediante e desanimador, algo frequente em si, como nos refere Richard Zenith num dos seus ensaios:

A experiência realizada por Pessoa, que desde muito jovem gostava de brincar sozinho e de lidar com amigos puramente imaginários, pode ter sido motivada por uma fantasia pessoal de autossuficiência, um velho sonho seu de uma vida que não dependesse de mais ninguém. Seja como for, o protagonista, ora denominado Vicente Guedes ora Bernardo Soares, era militantemente solitário. «Conviver é morrer», sentencia no trecho 209, justificando esse duro juízo com o seguinte raciocínio: «Para mim, só a minha autoconsciência é real; os outros são fenómenos incertos nessa consciência, e a que seria mórbido emprestar uma realidade muito verdadeira». Experiência os outros seres humanos como fenómenos predominantemente visuais e auditivos, ao mesmo nível que a paisagem circundante e com o mesmo interesse que esta possa ter. Afirma-o sem rodeios, no trecho 317: «Os outros não são para nós mais que paisagem». Uma

paisagem, aliás, que tende a provocar-lhe tédio, um estado de ânimo mencionado com excepcional frequência no *Livro do Desassossego*. (Zenith, 2013)

No *Livro do Desassossego* encontramos retratado o indivíduo moderno de uma forma fragmentada e desconectada do mundo em seu redor, como quem vive num sonho. O sujeito é mostrado como alguém que se sente dividido e separado tanto das coisas que o rodeiam como das pessoas. Retiramos, assim, uma sensação de deslocamento e falta de conexão que maior parte das vezes caracteriza o sujeito face à sociedade em geral.

No caso de Alisa Resnik em *One Another*, há deliberadamente a procura de espaços e pessoas da Berlim noturna, a fotógrafa procura o contacto com o outro, existindo, assim, uma conexão e comunicação com pessoas por muito diferentes que lhe possam parecer.

Como nos conta numa entrevista<sup>11</sup> uma noite num bar uma mulher com cerca de 70 anos sugeriu, muito orgulhosa, para fotografar o seu namorado, claramente mais novo e atlético, ao ver-se nesta situação um tanto constrangedora, como a fotógrafa a caracteriza, não hesitou em fotografá-lo e fazer o que a mulher lhe pedia, na sequência disso o dono do bar onde se encontravam mostrou o seu desagrado. Como a mesma nos indica, na entrevista ao P3 em Dezembro de 2015 mencionada acima, não podia desperdiçar ocasiões como esta porque é das mesmas que se constituía *One Another*, explorando a importância do acaso na ligação com outro.

É curioso, tudo começou por uma deambulação solitária pela cidade, é claro que sempre acompanhada de obras de Fernando Pessoa, no entanto, ao ler os testemunhos de Alisa Resnik e ao analisar as suas fotografias, verificamos que a questão da solidão rapidamente se dissipa pela conexão com o outro como sublinha um dos críticos da sua obra:

---

<sup>11</sup> Entrevista ao P3, jornal *Público* em 14 Dezembro de 2015 por Ana Marques Maia.

One of the essential elements of these moments is the fact that Resnik doesn't consider herself a photographer. For her, the camera is just a tool. The encounter is primary, and the human connection is the goal. Any images are incidental, something to be assessed later and valued only if they respect the truth of the encounter. (Mercer, 2013)

Como nos diz o jornalista Jeremy Mercer, nesta citação, a principal preocupação de Alisa Resnik não é tirar a fotografia, mas sim o valor que o momento de interação e conexão humana oferece durante o processo de fotografar.

Para a fotógrafa, as imagens que resultaram em *One Another* são menos importantes do que a autenticidade e profundidade das relações que ela estabeleceu com aqueles sujeitos que fotografou, as imagens são um bônus, que inclusive, só têm valor se capturarem a essência do momento. Tal como a premissa do filósofo francês Emmanuel Levinas, mencionada no livro de *One Another* por Jeremy Mercer - “Encountering a human being means being kept awake by an enigma<sup>12</sup>” - é, tal como Alisa encarava a situação das fotografias, as pessoas eram o enigma, eram o propósito que precisava para fazer valer a pena o ato de fotografar, o mistério a explorar pela arte fotográfica.

Já foi mencionada a inspiração de Alisa no *Livro do Desassossego*, mas é de realçar que a forma como ambos os autores lidam com a presença humana é bastante distinta. Bernardo Soares, concebido como um reservado ajudante de guarda-livros, segundo se sabe órfão de mãe, é o escritor da noite e da penumbra. É, tal como a obra que lhe dá vida, um ser fragmentado “Não sendo a personalidade a minha, é, não diferente da minha, mas uma simples mutilação dela” (Pessoa, 2014) como fica notório, Soares era uma parte de Fernando Pessoa sem ser ele mesmo, era um estrangeiro, no fundo, deslocado da sua realidade.

---

<sup>12</sup> “Encontrar um ser humano é manter-se acordado por um enigma”, Emmanuel Levinas em *Prospects on further developments in the Person-Centered Approach*. (2000) In: Marques-Teixeira, J. and Antunes, S. *Client-Centered and Experiential Psychotherapy*. Linda a Velha. Vale & Vale

Nesta sequência, percebemos que Alisa Resnik e Bernardo Soares se distanciam na sua relação com o outro, Alisa Resnik, por muito discreta que pretendesse ser e sendo também ela estrangeira e estando deslocada da sua cidade, não se deu a esse privilégio de se afastar das pessoas, não era esse o seu objetivo ou pelo menos deixou de ser quando se aventurou pela noite de Berlim, alcançando o seu propósito de conexão humana.

Por outro lado, Bernardo Soares pode esconder-se na sombra da escrita de um semi-heterónimo, permanecer imerso no tédio, não tendo personalidade própria por ser fictício, distancia-se de Alisa nesse mesmo ponto, foi sentenciado com uma personalidade conservadora, evita o contacto e prefere o quotidiano conhecido a aventurar-se pelo desconhecido, aceita que todos temos um caminho e que lhe obedecemos.

Já Alisa Resnik afirma:

O facto de eu ter uma câmara comigo altera totalmente a situação. Parece uma banalidade, mas quando tens uma câmara na mão acabas por viver situações que não viverias se não tivesses. (Marques Maia, 2015)

Como nos menciona na entrevista ao P3, possuir uma câmara transforma a reação das pessoas e a marca que deixam nas suas fotografias. Alisa Resnik permitiu-se integrar e distinguir as suas fotografias com o rasto de figuras humanas que em outras ocasiões certamente não se aproximariam dela e encarou a situação, independente de quão estranha pudesse ser.

É incrível o grau de despersonalização e de encizamento do espírito a que isto leva, e é difícil confesso-o, fugir a um cansaço geral de todo o ser ao fazê-lo. Mas o triunfo é tal!

Este é o único ascetismo possível. Não há nele fé, nem um Deus.

Deus sou eu. (Pessoa, 2014:105).

Em contrapartida, à desenvoltura de Alisa Resnik, duvidamos do enriquecimento de Bernardo Soares de se relacionar ou de não o fazer, no entanto, o mesmo, para atingir o seu ponto de escrita precisava de se recolher, de escrever na penumbra, de se fragmentar, ativar o niilismo, essa sua confiança na ausência de fundamentos nas crenças, como compreendemos pela citação anterior. Bernardo Soares surge pela noite como um fragmento de Fernando Pessoa e assim se mantém durante todos os fragmentos do *Livro do Desassossego*.

A presença das figuras humanas desempenha um papel central na literatura, assim como nas outras artes, seja na fotografia ou no cinema, tanto no que se escreve ou em imagens capturadas as figuras humanas transcendem a sua representação simples em elementos visuais ou personagens de uma narrativa.

Personificam emoções, experiências e histórias, expandindo a oportunidade de quem as interpreta se conecte com os temas abordados. Através das figuras humanas, as nuances da condição humana são exploradas criando uma conexão profunda entre o criador da obra e o espectador, estas são fundamentais porque servem como ancora emocional que prende a arte à experiência humana compartilhada, transformando-se no elo vital para a compreensão e reflexão.

No caso de Alisa Resnik e Bernardo Soares, estes não são exceção, como tem vindo a ser apresentado neste capítulo, é realmente fundamental em Alisa Resnik o encontro com todos aquelas figuras humanas que fotografa, todo aquele rasto humano na sua fotografia que integra *One Another*, aquela essência que a própria prioriza é o elo que conecta as fotografias às figuras retratadas e a quem as vai ver – o espectador.

Já Bernardo Soares concentra-se em figuras literárias:

Se eu tivesse escrito o *Rei Lear*, levaria com remorsos toda a minha vida de depois. Porque essa obra é tão grande, que enormes avultam os seus defeitos, os seus monstruosos defeitos, as coisas até mínimas que estão entre cenas e a perfeição possível delas. (Pessoa, 2014:125).

As figuras que menciona resultam de encontros esporádicos ou são figuras históricas ou literárias nas quais se baseia para alguma das suas não crenças ou para justificar algum fragmento, seja essa menção direta ou indireta (como acontece quando menciona William Shakespeare e a sua obra), não se pode considerar uma menção assim rasto de figura humana.

Na narrativa fragmentária que Bernardo Soares nos traz no *Livro do Desassossego*, as personagens seriam fundamentais se ele se relacionasse intensamente com elas, no entanto torna-se ele mesmo uma delas – a mais importante e que constantemente se autoanalisa. Mas não será que isso o torna menos “humano” – certamente, pelo seu carácter fictício. Apesar da sua aversão às pessoas e ao espaço que o rodeia, é interessante considerar a seguinte citação, onde se demonstra agradado por interagir com alguém que não ele mesmo:

Sempre que tenho uma sensação agradável em companhia de outros, invejo-lhes a parte que tiveram nessa sensação. Parece-me um ímpudor que eles sentissem o mesmo do que eu, que me devassassem a alma por intermédio da alma, unissonamente sentindo, deles. (Pessoa, 2014:113).

A citação explora a complexa dualidade de emoções presentes em Bernardo Soares que por vezes surgem na interação com figuras humanas. É expresso pelo autor um misto de inveja e de prazer ao compartilhar momentos agradáveis com pessoas, estando a inveja presente na sensação que outros têm na experiência, como se fosse demais para ele e a sua privacidade e individualidade estivessem em risco, pois não gosta de se expor. Pensar que os outros sentem o mesmo que ele lhe proporciona uma sensação de que os outros podem estar a interferir com os seus sentimentos. É aqui que entra o carácter de Pessoa, aliando-se à complexidade criada para Bernardo Soares, estabelece uma relação entre a experiência compartilhada com outros se torne numa espécie e vínculo profundo entre duas almas e os sentimentos se tornem expostos. Está presente a ambivalência da vontade de desejo de conexão emocional, mas a necessidade de manter a sua individualidade reservada. Existe uma tensão entre a procura por compartilhar, mas a vontade de não se expor emocionalmente.

Assumimos que a força por trás de cada imagem de Alisa Resnik é o sujeito que lá esteja e a marca que deixou na fotografia (a memória de um momento) e, em Bernardo Soares, é ele mesmo a personagem central, a figura humana que deixa o rosto em cada fragmento, inclusive existem fragmentos em que expressa a dor de ser demasiado diferente das outras figuras humanas em geral.

Ao analisarmos *One Another* ficamos com a percepção das várias figuras humanas com quem se cruzou Alisa Resnik e as quais fotografou, incluindo animais, é facto que não temos história para cada uma das fotografias o que seria bastante curioso.

No entanto é uma experiência estimulante interpretar o que encontramos nas fotografias, por exemplo nas seguintes imagens:



*Figura 5 - Resnik, 2013*

Distinguimos um sujeito masculino certamente de meia-idade em frente a uma porta, de costas e com a cabeça curvada, a qual podemos admitir ser a entrada de um apartamento, não sabemos sequer se aquela figura faz ideia que foi fotografada, no entanto está lá e cabe ao espectador construir a história, alimentar a importância da presença humana.

Sustentar o mistério que é criado por não lhe vermos o rosto ou por não sabermos o que existe para lá daquela porta, daquele clarão de luz que contrasta com a penumbra em que a figura se encontra. O livro de Alisa Resnik é muito interessante materialmente pela diversidade de figuras que fotografou, como mencionei acima, mas também pelo papel escolhido para a encadernação, por exemplo a imagem acima está impressa em folhas lisas e lustrosas, um papel brilhante que quase caracteriza as cores da imagem, enquanto a imagem que se segue que como é visível tem bastante ruído está impressa

num papel com textura, uma textura rugosa que nos dá a sensação de tocar no ruído digital da imagem.

A imagem que se segue, tecnicamente é bastante inquietante porque a luz não é a melhor e o excesso de ruído não ajuda com a nitidez, mas entrega-lhe personalidade, caracteriza a situação do casal.



*Figura 6 - Resnik, 2013*

Podemos subentender, pois não temos mais informação, a história de um casal, que se encontra sentado num sofá numa sala escura certamente iluminada por a luz de uma vela, fictícia, novamente não sabemos a história nem a ligação entre os dois sujeitos apesar de nos parecerem íntimos, existindo mais gesto carinhoso de um e um ligeiro abandono do outro, reforçando a dualidade de sentimento característica de Alisa Resnik, o luz e a escuridão, o apego e o abandono, entre outras estão sempre em luta constante nas suas fotografias.

Em algumas das suas fotografias parece que quem é fotografado é apanhado de surpresa (pela câmara), principalmente na noite onde os encontros amorosos furtivos são comuns, certamente deve-se à sua experiência em lidar com as pessoas sendo que trabalhava num bar ou também a não se identificar como fotógrafa e isso certamente seria útil na abordagem que realizava e na forma como encarava e utilizava a câmara, no fundo o importante para ela era a ligação com a figura humana, a priorização da essência e dos sentimentos da mesma, a sua arte precisa dos outros, a seguinte citação ilustra essa mesma questão:

The portraits evoke a startling and complex human beauty. Yet, there is also a vague sadness that these moments have long since dissolved and can never be recaptured. One of the essential elements of these moments is the fact that Resnik doesn't consider herself a photographer. For her, the camera is just a tool. The encounter is primary, and the human connection is the goal.” (Artigo Prospekt, 2012).

Será fundamental realçar ainda a questão da fantasmagoria de que João Barrento nos fala em *Walter Benjamin A Sobrevida das Ideias – Ensaios e Diário*, sendo que essa questão se pode assemelhar bastante com o trabalho de Alisa Resnik no sentido em que a mesma procurava fotografar pessoas reais e com história, longe da perfeição da sociedade de massas.

É possível inclusive ver mais vezes as almas e os sentimentos nas fotografias (como comprávamos nas figuras anteriores) do que a figura exterior e Walter Benjamin diz-nos isso mesmo de que a alma e os sentimentos das minorias da sociedade são fundamentais para este efeito de real no ensaio mencionado acima. Numa sociedade contemporânea onde as aparências e o dinheiro movem o mundo é fundamental existir

esta outra face da moeda onde conseguimos apreciar as figuras da noite através da interação com o outro em que Alisa Resnik insiste.

Analisemos a seguinte citação:

Tudo isto se potenciou hoje, no universo fantasmagórico real-irreal das existências num mundo totalmente urbanizado e sujeito à ação de forças invisíveis e obscuras. Nunca o Lebenswelt (“mundo da vida”) foi tão dominado por abstrações, nunca os corpos se sujeitaram tanto à violência sem rosto dos sistemas, nunca as consequências se viram tão enredadas no confuso labirinto das redes. (João Barrento, 2022:99)

João Barrento, na citação anterior, diz-nos que somos uma sociedade influenciada e que cada vez mais se dá valor ao superficial, estamos a ficar submersos por um irreal apodrecido que nos chega através dos media proporcionado por fontes invisíveis que nos levam a crer no que querem, existe cada vez mais exclusão, mais minorias e poucas soluções. Somos uma sociedade de estereótipos e na qual projetos como *One Another* de Alisa Resnik são fundamentais para que exista este encontro com o obscuro, com aqueles que se escondem na noite e que todos sabemos que estão lá, mas por norma ignoramos, forçar este encontro com a realidade.

# **IV - O domínio da literatura em fotografia**

## IV.I - Algumas considerações

O domínio da literatura na fotografia é um dos pontos de desenvolvimento esta dissertação, referindo-se assim à influência entre a literatura e a arte de fazer fotografia. As duas formas de expressão partilham semelhanças e podem complementar-se de várias maneiras.

Como na narrativa visual, pois tal como na literatura, a fotografia também pode contar histórias. Uma imagem pode capturar um momento decisivo ou transmitir uma narrativa visual mais ampla. Da mesma forma, um escritor pode usar palavras para criar imagens e evocar emoções - como no caso comprovamos em várias passagens do *Livro do Desassossego*.

Fotografia e literatura, as duas partilham muitas vezes as temáticas e a inspiração, a literatura pode inspirar fotógrafos a explorar certos conceitos, um livro, poema ou ensaio pode incentivar ideias e imagens visuais na imaginação de um fotógrafo, levando-o, assim, a criar obras baseadas nessas influências literárias, como aconteceu com a ligação entre Alisa Resnik e o *Livro do Desassossego*.

Por exemplo, alguns fotógrafos podem inspirar-se em estilos literários específicos e procurar misturá-los no seu trabalho. Conseguimos captar um exemplo disso na atmosfera melancólica e sombria das obras de Edgar Allan Poe que pode ser traduzida para imagens pelo uso da iluminação dramática e composição visual adequada.

A fotografia documental, onde em parte Alisa Resnik se insere, também influencia a literatura e muitas vezes desempenha um papel importante na documentação de eventos históricos e na narração de acontecimentos verídicos. Da mesma forma, a fotografia

documental e de reportagem tem o poder de destacar momentos da vida cotidiana e transmitir emoções que influenciam alguns escritores.

A fotografia e a literatura relacionam-se também na fotografia de um livro ou até das próprias capas, desempenhando, assim, a imagem um papel importante na produção de livros. Uma fotografia cuidadosamente escolhida pode complementar e acrescentar significado numa obra literária, tal como uma boa passagem de um livro pode mudar o rumo e a interpretação de uma fotografia, ou uma imagem corretamente selecionada para a capa de um livro ou como ilustração no interior do mesmo pode criar uma conexão emocional imediata com o espectador, despertando a sua curiosidade e envolvimento com a história.

Como já foi realçado anteriormente existem algumas colaborações entre fotógrafos e literatura, mas existe também a colaboração de um fotógrafo e de um escritor que juntos podem unir ou criar projetos combinando imagens e palavras para transmitir uma mensagem mais rica ao espectador. Essas junções podem resultar em livros, fotolivros, exposições ou publicações em revistas. Um exemplo interessante é o ensaio humorístico *Let's Explore Diabetes With Owls* (2013) de David Sedaris onde o mesmo compartilha observações da vida cotidiana, tanto pessoal como social e as fotografias do fotojornalista Jeff Mermelstein completam essas mesmas observações relacionando-se com o tom do ensaio e atribuindo uma camada visual que alimenta a experiência do espectador.

O domínio da literatura em fotografia é uma interseção fascinante entre duas formas de expressão artística, dando assim oportunidade aos fotógrafos de se inspirarem na literatura, usando temas literários e colaborando com escritores para criar obras únicas. Esta interação, entre literatura e fotografia, é um espaço fértil onde as palavras e as imagens se unem, oferecendo uma maior experiência estética. A literatura, com sua

capacidade de produzir mundos imaginários e evocar emoções profundas, pode inspirar fotógrafos a capturar momentos semelhantes e transmitir essas histórias visualmente. No mesmo sentido, a fotografia, com seu poder de congelar o tempo e capturar a essência de um determinado momento, pode complementar a literatura, dando vida às palavras por meio de imagens visuais.

Existem várias obras nas quais fotografia e literatura se conectam, que comprovam as comparações anteriores, por exemplo, estes três projetos: *Let Us Now Praise Famous Men* (1941) do escritor James Agee e do fotógrafo Walker Evans, este livro é uma colaboração ideal entre um escritor e um fotógrafo. No qual, James Agee escreve um ensaio introspectivo sobre três famílias de agricultores humildes do sul dos Estados Unidos durante a grande depressão de 1929, enquanto Walker Evans capturou imagens fortes que ilustram o texto. A junção do trabalho de ambos cria uma obra comovente.

*Annie Leibovitz at Work* (2008) de Annie Leibovitz livro no qual a fotógrafa Annie Leibovitz mistura as suas fotografias icônicas com comentários pessoais sobre o processo de criação e as suas experiências ao fotografar figuras conhecidas. Embora não seja ficção, a forma como Leibovitz compartilha as suas histórias e noções fornece uma perspectiva que une a fotografia e a literatura numa narrativa visual.

Alisa Resnik, a fotógrafa cujo trabalho é analisado nesta dissertação, frequentemente entrelaça a sua fotografia com a literatura. Explorando a interseção entre a fotografia e a escrita por meio de projetos que combinam imagens com literatura, como fez com as obras de Fernando Pessoa. Mais um exemplo notável do trabalho de Alisa Resnik com a literatura, para além, de *One Another*, é o seu projeto *Epic Love Stories*. Nesse projeto, a artista captura fotografias em preto e branco que ilustram histórias de amor emblemáticas da literatura russa. Ela elabora uma ponte visual entre as palavras dos escritores e as emoções evocadas nas suas próprias fotografias, proporcionando uma

experiência estética única e imersiva. O que resulta é uma fusão de elementos literários e visuais que transmitem a profundidade e a intensidade dessas histórias de amor.

Através do seu trabalho, Alisa Resnik mostra como a fotografia pode dialogar e interagir com a literatura, entregando uma abordagem visual única e ampliando a experiência do espectador com as palavras dos escritores. A sua visão fotográfica e quase poética evoca a conexão entre essas duas formas de expressão artística.

No caso de Bernardo Soares, e como heterónimo de Fernando Pessoa, que escreveu extensivamente sobre a sua vida e a conexão com o outro, embora Bernardo Soares seja um personagem literário fictício, podemos explorar a relação entre sua abordagem filosófica e introspectiva da fotografia. Assim como a fotografia pode capturar momentos fugazes e congelar o tempo, as reflexões de Bernardo Soares procuram captar a essência efémera da existência humana. As suas noções sobre a natureza da realidade, da identidade e da efemeridade encontram paralelos com a maneira como a fotografia pode congelar instantes únicos dando origem a momentos decisivos.

Para além disso, Bernardo Soares aborda uma visão e observação pormenorizada, de temas que também são fundamentais na fotografia. Como questionar a natureza da percepção e a subjetividade do olhar, refletindo sobre como vemos e interpretamos o mundo ao nosso redor e o outro. Essa investigação do olhar e da interpretação pode ser diretamente relacionada com o processo de fotografar, onde o fotógrafo seleciona e enquadra cuidadosamente elementos visuais para transmitir uma ideia.

Assim sendo, mesmo que Bernardo Soares seja um personagem literário e a fotografia seja uma forma visual de expressão, a abordagem filosófica e introspectiva de Fernando Pessoa através de Bernardo Soares encontra repercussão na capacidade da fotografia de realçar a essência do efêmero e explorar a subjetividade do olhar humano.

Ambos convidam à reflexão sobre a existência e a forma como percebemos e interpretamos o mundo e a ligação com o outro.

## **IV.II - Comparação entre fragmentos dos *Livro do Desassossego* de Bernardo Soares e algumas fotografias de *One Another* de Alisa Resnik**

**S**endo que esta dissertação se desenvolve por base na interação entre literatura e fotografia, para consolidar selecionei alguns fragmentos do *Livro do Desassossego* de Bernardo Soares e algumas fotografias de *One Another* de Alisa Resnik, que no meu ponto de vista se assemelham bastante e se podem ilustrar entre si. A escolha das fotografias e dos fragmentos foi com base nos temas desenvolvidos ao longo dos restantes capítulos desta investigação.

### **Fragmento I**

É quanto resta e restará duma das almas mais subtis na inércia, mais debochadas no puro sonho que tem visto este mundo.  
Nunca - eu o creio - houve criatura por fora humana que mais complexamente vivesse a sua consciência de si própria. Dândi no espírito, passeou a arte de sonhar através do acaso de existir. Este livro é a autobiografia de quem nunca existiu.  
De Vicente Guedes não se sabe nem quem era. nem o que fazia, nem (...)  
Este livro não é dele: é ele. Mas lembremo-nos sempre de que, por detrás de tudo quanto aqui está dito, coleia na sombra, misterioso,  
Para Vicente Guedes ter consciência de si foi uma arte e uma moral, sonhar foi uma religião. (Pessoa, 2014:37)

Este fragmento descreve a filosofia de Vicente Guedes, que é retratado como uma alma extremamente sutil, inerte e desmoralizada no mundo dos sonhos. É a reflexão profunda sobre a complexidade da consciência e da existência humana, onde Vicente Guedes é representado como um “dândi no espírito”, alguém que dominou a arte de sonhar enquanto navegava pela casualidade da existência.

A passagem sugere-nos que Vicente Guedes viveu a sua vida de uma forma única, priorizando os sonhos e sua própria consciência, e que a sua existência é como uma autobiografia de alguém que nunca realmente existiu, enfatizando a sua misteriosa natureza, já que pouca informação se tinha deste semi-heterónimo, não se sabia quem ele era ou o que fazia na realidade. Todo o fragmento parece uma reflexão literária sobre a importância dos sonhos, da consciência de si e da natureza enigmática de um indivíduo, no caso Vicente Guedes, que de repente passa de ser o conteúdo de apenas um fragmento para ser a figura de toda a obra do *Livro do Desassossego*, como se pode comprovar no seguinte excerto.

Na verdade, a faceta diarística desta obra era ainda reduzida em relação, por exemplo, aos «Grandes Trechos» de pendor simbolista, e não é impossível que Guedes, num primeiro momento, tenha sido encarregue de contribuir apenas com os conteúdos de um diário que ocuparia uma de várias secções do *Livro*, mas se assim aconteceu, depressa foi promovido a autor da obra toda, ganhando, com isso, espessura biográfica. Ajudante de guarda-livros e morador na Rua dos Retroseiros, 17-4.º, era um «dândi no espírito» que «passeou a arte de sonhar através do acaso de existir», sem ambições e com a capacidade de suportar a sua «vida nula com uma indiferença de mestre» (Zenith, 2023)

A última parte do fragmento destaca que, por trás do que é dito relativamente a Vicente Guedes, há um espectro misterioso e sombrio, uma dupla personalidade. Isso pode ser uma referência à complexidade da própria natureza humana e à dificuldade de compreender completamente alguém, mesmo quando se trata de um personagem fictício.

O que no caso de Fernando Pessoa era muito comum devido às suas várias personalidades e por vezes não era possível distinguir a qual dos heterónimos se dirigia.

Este fragmento complementa essa profundidade das reflexões filosóficas e literárias de Fernando Pessoa, explorando temas como a identidade, a introspeção, a criação literária e a complexidade da consciência humana. Que indiretamente é o que Alisa Resnik faz com as suas fotografias, também ela explora a identidade, a introspeção e a complexidade da consciência humana, analisemos a fotografia que se segue:



*Figura 7 - Resnik, 2013*

Está representada uma figura masculina, iluminada no rosto por um foco de luz branco que a evidencia, carrega trajes escuros e uma expressão assustada ou surpreendida. Como é típico em Alisa Resnik existe um trabalho de luz e contraste que nos redireciona

para o foco daquilo que a fotógrafa quer destacar - a figura humana, e, no caso, principalmente a expressão da mesma e (apesar de não tão evidentes) as suas mãos da figura. Devido ao desfoque, também comum nas suas fotografias e falta de luz no fundo a imagem leva-nos a concentrar atenção no rosto deste homem, com marcas de expressão pela idade ou pelo desgaste da vida e os olhos negros. Há também na posição das suas mãos e no modo como nos olhos se revela um certo desamparo e cansaço, eventualmente.

Poderia esta fotografia representar uma interpretação da figura retratada no fragmento acima citado? Possivelmente, sim, esta figura masculina podia ser um Vicente Guedes, podia representar a “sombra misteriosa”, podia caracterizar o sonhador, ou aquele solitário homem da noite que deambula pelas ruas da Baixa. É por isso que esta aproximação do trabalho de Alisa Resnik ao de Fernando Pessoa é tão interessante, propondo-se uma análise entre os fragmentos e algumas fotografias estrategicamente selecionadas conseguimos construir várias histórias improváveis já que são propostos por mim enquanto intérprete que procura os vínculos entre dois autores em causa. Para mim como investigadora que deambula entre a fotografia e literatura é impossível não imaginar uma imagem para cada fragmento que leio do *Livro do Desassossego* e não divagar num texto improvisado sobre uma fotografia de Alisa Resnik.

## **Fragmento II**

Nestas horas matinais, em que a sombra já desapareceu, mas não ainda o seu peso leve, ao espírito que se deixa levar pelos incitamentos da hora apetece a chegada e o porto antigo ao sol. Alegria, não que o instante se fixasse, como nos momentos solenes da paisagem, ou no luar calmo sobre o rio, mas que a vida tivesse sido outra, de modo que este momento pudesse ter um outro sabor que se lhe reconhece mais próprio.

Adelgava-se mais a névoa incerta. O sol invadia mais as coisas. Os sons da vida acentuavam-se no arredor.

Seria certo, por uma hora como estas, não chegar nunca à realidade humana para que a nossa vida se destina. Ficar suspenso, entre a névoa e a manhã, imponderavelmente, não em espírito, mas em corpo espiritualizado, em vida-real

alada, aprazia, mais do que outra coisa, ao nosso desejo de buscar um refúgio, mesmo sem razão para o buscar.

Sentir tudo subtilmente torna-nos indiferentes, salvo para o que se não pode obter - sensações por chegar a uma alma ainda em embrião para elas, atividades humanas congruentes com sentir profundamente, paixões e emoções perdidas entre conseguintes de outras espécies. (Pessoa, 2014:281)

Neste fragmento anterior destacamos uma reflexão profunda sobre a natureza da experiência humana e os sonhos do espírito humano nas primeiras horas da manhã. Bernardo Soares fala-nos no desejo de encontrar um “porto antigo ao sol”, um momento que representaria alegria e a satisfação que transcende a realidade das manhãs da cidade.

Conseguimos destacar também a transição da noite para o dia, quando cai a sombra da noite que dá lugar e gradualmente perde a força porque nasce o sol. Ao levantar esta questão do começo de um novo dia podemos interpretar como se em algum momento da sua vida ele quisesse sentir que esse começo de dia era diferente e que o esperava algo bom, aquela felicidade que caracterizava o momento no antigo porto. No entanto, era sempre a mesma constante de se sentir a deambular entre a névoa e a manhã numa “vida-real alada” o que o leva para o refúgio do sonho e põe essa hipótese de escapar ao quotidiano e refugiar-se numa bolha de existência espiritualizada. É a procura incessante pelo refúgio da azáfama que é a cidade, que era a sua mente desassossegada.

Incluído também neste fragmento, está a questão da sensibilidade humana, de como o sentir profundamente transforma as pessoas e as pode tornar indiferentes à banalidade da cidade, mas nunca indiferentes aquilo que não alcançam, porque a natureza humana guia-se essencialmente pelo que não consegue ter, pela insatisfação, onde a procura pelo inatingível muitas vezes tolda de angústia e domina os pensamentos e os anseios, sem se aperceber que por vezes querem tanto alguma coisa que acabam por perder o que queriam.

No fundo este fragmento destila a luta entre a experiência humana e a procura por satisfação quando, muitas vezes, o quotidiano não satisfaz as ambições da alma, quando o simples se tornou banal e as expectativas estão demasiado elevadas.



*Figura 8 - Resnik, 2013*

Essa insatisfação da condição humana é muitas vezes fácil de distinguir no olhar das figuras humanas fotografadas por Alisa Resnik, inclusive é bastante comum este tipo de sentimentos: angústia, a tristeza, o vazio, a banalidade, a solidão, entre outros.

Ora analisemos a imagem anterior, a mesma podia ser o exemplo figurativo da “insatisfação humana” como se de um espelho da alma se tratasse. Enquanto a figura que olha para o espectador é aquela que está insatisfeita com o seu quotidiano e as escolhas

que fez, a outra seria a parte da sua alma que ascendeu e vive num sonho onde tudo se baseia na tal felicidade de encontrar um “porto antigo ao sol” de que Bernardo Soares nos fala no fragmento, o tipo de felicidade que transcende a realidade do quotidiano que numa realidade física se torna insaciável pelas altas expectativas.

As duas figuras distinguem-se pelo excesso de vida e vontade da figura que ascendeu e se agarra a outra, com o seu cabelo vermelho garrido e a falta de vida e emoção da figura que olha para a câmara, com o olhar vazio de quem já não sente e o cabelo escuro.

Certo é que a técnica fotográfica de Alisa Resnik e a composição elaborada são o que nos leva a conseguir fazer estas ligações. Por exemplo, a priorização de um primeiro plano (apesar de os sujeitos se encontrarem ao mesmo nível) em que se encontra o sujeito que olha para a câmara e, desde logo, é nele que nos focamos e é ele a figura principal, é ele que nos conecta ao fragmento de Bernardo Soares, é ele a figura da fome de vontade. O foco de luz principal na tal figura que olha para a câmara e toda a restante composição numa penumbra estrategicamente iluminada para que, não tendo o protagonismo, o espectador não se esqueça dela, a figura da vontade.

### **Fragmento III**

Quanto mais alto o homem, de mais coisas tem que se privar. No píncaro não há lugar senão para o homem só. Quanto mais perfeito, mais completo; e quanto mais completo, menos outrem.

Estas considerações vieram ter comigo depois de ler num jornal a notícia da grande vida múltipla de um homem célebre. Era um milionário americano, e tinha sido tudo. Tivera quanto ambicionara — dinheiro, amores, afetos, dedicações, viagens, coleções. Não é que o dinheiro possa tudo, mas o grande magnetismo, com que se obtém muito dinheiro, pode, efetivamente, quase tudo.

Quando depunha o jornal sobre a mesa do café, já refletia que o mesmo, na sua esfera, poderia dizer o caixeiro de praça, mais ou menos meu conhecido, que todos os dias almoça, como hoje está almoçando, na mesa ao fundo do canto. Tudo quanto o milionário teve, este homem teve; em menor grau, é certo, mas para a sua estatura. Os dois homens conseguiram o mesmo, nem há diferença de celebridade, porque aí também a diferença de ambientes estabelece a identidade.

Não há ninguém no mundo que não conhecesse o nome do milionário americano; mas não há ninguém na praça de Lisboa que não conheça o nome do homem que está ali almoçando.

Estes homens, afinal, obtiveram tudo quanto a mão pode atingir, estendendo o braço. Variava neles o comprimento do braço; no resto eram iguais. Não consegui nunca ter inveja desta espécie de gente. Achei sempre que a virtude estava em obter o que se não alcança, em viver onde se não está, em ser mais vivo depois de morto que quando se está vivo, em conseguir, enfim, qualquer coisa de difícil, de absurdo, em vencer, como obstáculos, a própria realidade do mundo. (Pessoa, 2014:390)

Este fragmento aborda um dos maiores desafios para Bernardo Soares e para o seu criador, no fundo para a humanidade em geral – a procura por um significado na vida. Através de dois homens, o milionário americano e o caixeiro da praça, Bernardo Soares ilustra exemplos de formas de sucesso e realização pessoal que não ambiciona para si.

Começa por nos fazer ver que quanto mais um homem alcança o sucesso metaforicamente caracterizado como “píncaro”, mais se priva, ou seja, com o sucesso vem o custo dos sacrifícios e da solidão. Na ideia de que no píncaro não existe lugar para mais ninguém só alimenta mais essa premissa de que o sucesso está inteiramente relacionado com a solidão. Apesar da grande ênfase no sucesso, ao utilizar dois homens tão diferentes existe uma relativização do mesmo, pois ambos alcançaram tudo o que poderiam dentro das suas esferas e capacidades, percebemos, assim, que a realização e o sucesso são subjetivos e contextuais e não dependem da solidão.

A sugestão de que os dois homens, apesar das diferenças, conseguiram o mesmo, levanta a questão de que o magnetismo que atrai o sucesso tem valores relativos de interpretação. O sucesso do milionário aos olhos do mundo possivelmente nunca seria o mesmo que o do caixeiro da praça alcançou, pelo menos em valor económico. No entanto, para Bernardo Soares pode ser, inclusive ele destaca “obtiveram tudo quanto a mão pode atingir, estendendo o braço. Variava neles o comprimento do braço; no resto eram iguais”, mudava apenas o núcleo e a realidade em que se inseriam porque o sucesso foi o mesmo:

os dois dedicaram-se a alcançar coisas tangíveis que lhes trouxeram reconhecimento social. Pelo contrário, Bernardo Soares distingue-se destes porque procura o impossível e o irreal, dedica-se a procurar o difícil e absurdo como todo artista, não o alcançou – o seu sentido de vida nem o sucesso – mas não procurou por ele literalmente.

O próprio sujeito diz que não possui inveja destas pessoas que alcançam o possível, porque o seu desejo é o oposto:

“obter o que se não alcança, em viver onde se não está, em ser mais vivo depois de morto que quando se está vivo, em conseguir, enfim, qualquer coisa de difícil, de absurdo, em vencer, como obstáculos, a própria realidade do mundo.”

Para sintetizar, este fragmento contrasta o desejo banal de conquistar bens materiais, comum à maioria dos homens, com o desejo raro do irreal, de inalcançável porque o imaginário é sempre o que está para além de nós, e toda a glória só pode ser póstuma, por isso o sucesso terreno não é significativo. Verdade é que muito do sucesso dos artistas surge após a sua morte e Fernando Pessoa não fugiu à regra nem os seus heterónimos.

Como Bernardo Soares, também Alisa Resnik, nas suas fotografias, se detém no que pode parecer insignificante ou falhado ao olhar comum, sobretudo numa sociedade que se rege pelo sucesso material guardado só para uma percentagem das pessoas.



Figura 9 - Resnik, 2013

A fotografia reproduzida acima caracteriza alguém abandonado na noite, alguém com a cabeça deitada numa mesa de madeira, na escuridão de um Pub em Berlim, no reverso de uma lógica de sucesso. Pelo contrário, esta mesma composição alimenta a imaginação do espectador e faz com que o mesmo queira criar cenários e ligações para o que está a acontecer, novamente as tais histórias e aqui seria uma história triste de alguém triste – um pouco como o *Livro do Desassossego*.

A escolha desta fotografia para estabelecer uma relação de sentido com este fragmento foi pela coincidência do ambiente, Bernardo Soares menciona estar num café e a fotografia é certamente tirada num Pub em Berlim, no entanto ao interpretar a mesma foi fácil a alusão ao tema da solidão e do relativismo e subjetividade do (in)sucesso.

O importante é que Alisa Resnik, nesta figura desinteressante aos olhos de muitos, consegue captar uma essência através do foco de luz amarela no sujeito a contrastar com todo o envolvente em tons de castanho e vermelho e levar a que o espectador imagine a história deste homem, os sonhos ou os pesadelos que o movem como Bernardo Soares

persegue, através do imaginário da história de outros, o seu espaço mesmo que este pareça ínfimo ao olhar, mesmo que o sucesso não seja para todos igual.

## **Fragmento IV**

Tudo quanto de desagradável nos sucede na vida - figuras ridículas que fazemos, maus gestos que temos, lapsos em que caímos de qualquer das virtudes — deve ser considerado como meros acidentes externos, impotentes para atingir a substância da alma. Tenhamo-los como dores de dentes, ou calos, da vida, coisas que nos incomodam mas são externas ainda que nossas, ou que só tem que sofrer a nossa existência orgânica ou que preocupar-se o que há de vital em nós.

Quando atingimos esta atitude, que é, em outro modo, a dos místicos, estamos defendidos não só do mundo mas de nós mesmos, pois vencemos o que em nós é externo, é outrem, é o contrário de nós e por isso o nosso inimigo.

Disse Horácio, falando do varão reto, que ficaria impávido ainda que em torno dele ruísse o mundo. A imagem é absurda, justo o seu sentido. Ainda que em torno de nós ruia o que fingimos que somos, porque coexistimos, devemos ficar impávidos - não porque sejamos justos mas porque somos nós, e sermos nós é nada ter que ver com essas coisas externas que ruem, ainda que ruam sobre o que para elas somos.

A vida deve ser, para os melhores, um sonho que se recusa a confrontos. (Pessoa, 2014:512-513)

Este fragmento elabora a perspectiva de Bernardo Soares de como lidar com as adversidades da vida e de se desapegar dos acontecimentos mais desagradáveis.

Começa por nos sugerir que aquilo que a figura humana faz de errada - “figuras ridículas que fazemos, maus gestos que temos, lapsos em que caímos de qualquer das virtudes” devem ser assumidos como acidentes externos, ou seja, não afetam a verdadeira essência da alma sendo comparados a dores físicas, incómodos externos à substância profunda de um ser. Ao adotar esta atitude que ele compara à dos místicos como Horácio com a sua célebre frase “sapiens dominabitur astris” – o sábio que dominará as estrelas – clarifica a ideia de impavidez durante adversidades, mesmo que ao seu lado o mundo esteja a ruir. Não de uma forma egoísta, mas de forma a evidenciar que independentemente do que acontece deveremos ser nós mesmos, deveremos persistir. É

o poder de alcançar imunidade contra as perturbações em geral, seja com o mundo ao seu redor ou consigo internamente mesmo com as circunstâncias externas mais adversas.

“A vida deve ser, para os melhores, um sonho que se recusa a confrontos” na última frase do fragmento é clarificada essa questão de que a vida é para os melhores, ou como quem diz para os mais sábios, deve ser vivida como um sonho que se nega a confrontos. Implicando uma atitude de não resistência e de aceitação das experiências como efêmeras e não como essenciais para a verdadeira natureza da figura humana.

A fotografia de *One Another* que mais ilustra esta ideia extraída do fragmento anterior será a que coloco de seguida, exemplifica a questão de, apesar de o mundo estar a ruir ao nosso lado, continuarmos em frente e sermos nós mesmos, ter noção de que tudo é efêmero e não essencial para provar quem somos, no caso, a figura que se afasta da casa em chamas é a ilustração dessa figura de Horácio que se guia pela premissa de permanecer impávido perante as adversidades.



Figura 10 - Resnik, 2013

Novamente, Alisa Resnik faz uso das cores, luzes e foco para proporcionar ao espectador esta oportunidade de divagar pela história por trás desta fotografia. No entanto, conseguimos destacar o sujeito masculino como o ponto principal desta fotografia, apesar de a casa em chamas ocupar muito mais espaço visual, mantém-se as cores escuras e os vermelhos e laranjas fortes que caracterizam o poder das chamas – das adversidades da vida. Sendo as chamas as adversidades da vida podemos imaginar esta imagem um exemplo figurativo da mente humana, de uma mente em específico, uma mais inquieta, em que o indivíduo está a tentar alcançar a paz e sarar as já mencionadas feridas da alma, a persistir contra as adversidades e a tentar tornar-se num dos melhores, num daqueles que vive no sonho sem confrontos como caracteriza Bernardo Soares.

# Conclusão

Em conclusão, esta investigação demonstrou que as fronteiras entre literatura e fotografia são trespessáveis e ricas em potencial material de estudo, conforme evidenciado pela interação entre o projeto *One Another* de Alisa Resnik e os fragmentos de Bernardo Soares no *Livro do Desassossego*.

Ao longo desta dissertação, explorei as enredadas ligações entre texto e imagem, revelando não apenas as aproximações, mas também as divergências inerentes às visões do mundo de dois artistas separados pelo tempo, mas unidos pela sensibilidade. A análise das obras de Alisa Resnik em diálogo com o *Livro do Desassossego* permitiu-nos não só apreciar a beleza e a profundidade do seu projeto individual, mas também entender como sentimentos, espaços, figuras e sensações podem ser evocadas pela fotografia para tocar a condição humana e conversar com o espectador.

Descobri que, apesar das diferenças de meio e época, Alisa Resnik e Bernardo Soares compartilham uma linguagem emotiva que desafia as limitações temporais e espaciais, onde ambos abordam a solidão, o desassossego e a cidade de formas que ressoam profundamente no espectador/leitor contemporâneo, e quem sabe continuar a suscitar com as mesmas questões a outras leituras futuras.

Esta investigação sublinha a importância de abordagens interdisciplinares no entendimento da arte, sugerindo que a fusão entre literatura e fotografia pode proporcionar novas perspectivas sobre o eu e o outro, revelando camadas de significado que, de outra forma, permaneceriam inexploradas.

Por isso, através de quatro capítulos desenvolvi o mais pertinente da abordagem entre literatura e fotografia, iniciando com aproximação entre o *Livro do Desassossego* e

a fotografia de Alisa Resnik através do qual concluí que ambas as formas artísticas conseguem expressar a forma da complexidade da existência humana, enquanto Bernardo Soares deambula pela cidade e divaga pelo onírico Alisa Resnik equilibra essa questão com a realidade do desassossego da noite através das suas fotografias. Sendo a cidade um ponto fulcral tanto na fotografia como na literatura, dedico o segundo capítulo à mesma e a sua ligação com a noite onde assenta que ambos, Alisa Resnik e Bernardo Soares, possuem uma dualidade entre o real e o onírico, sendo que Bernardo Soares procura um propósito na noite sozinho e Alisa Resnik vê a noite como um terreno fértil para as suas fotografias e uma forma de contacto com o outro. Por coerência, o capítulo que se segue aborda a presença da figura humana, neste ponto conclui que Bernardo Soares e Alisa Resnik se distanciam bastante. Enquanto Bernardo Soares se limita à sua solidão e evita o contacto com o outro, Alisa Resnik procura esse contacto e é do mesmo que nasce *One Another*. Para terminar, abordo o domínio da literatura para completar e concluir o que referi ao longo da investigação, através de exemplos concluo que ambas as formas artísticas partilham temas e discussões e que muitas vezes se complementaram uma à outra enriquecendo-se.

Por fim, o trabalho de Alisa Resnik *One Another*, inspirado pelos fragmentos do *Livro do Desassossego* de Bernardo Soares, serve como uma manifestação eloquente da capacidade da arte de transcender barreiras unindo diferentes formas de expressão. As pontes que construí entre estas duas artes não ampliam apenas a nossa compreensão das obras em questão, incentivam a refletir sobre as infinitas possibilidades que surgem quando permitimos que diferentes modos de ver e sentir o mundo se encontrem e interajam. Ao estabelecer pontes de sentido entre a literatura e a fotografia, estamos a afirmar a ideia de que a arte, em todas as suas formas, é um veículo poderoso para a exploração do eu e para o estabelecimento de conexões profundas e significativas, tanto

entre artistas de diferentes eras quanto entre todos nós, seres imersos na vastidão da experiência humana.

# Referências bibliográficas

## Ativa:

Pessoa, F. (2014). *Livro do Desassossego*. Lisboa: Tinta da China.

Renik, A. (2013). *One Another*. URL: [alisaresnik.com](http://alisaresnik.com). [data de consulta: 12/01/2023]

Resnik, A. (2013). *One Another*. Stockport: Dewi Lewis Publishing.

Resnik, A. (2012). *One Another*. Prospekt. URL: [www.prospektphoto.net/product/one-another/](http://www.prospektphoto.net/product/one-another/). [data de consulta: 02/02/2023]

Marrone, Rita, Bruno Ministro, Bruno Fontes, Cecília Magalhães, Manuel Portela, Mariana Ferreira, Raquel Gonçalves, Rui Silva, e Sofia Escourido, eds. (2017). “Edição Virtual: Jacinto do Prado Coelho - edição anotada”. *Arquivo LdoD: Arquivo Digital Colaborativo do Livro do Desassossego*. Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra. URL: <https://ldod.uc.pt/edition/acronym/LdoD-JPC-anot> [data de consulta: 16/12/2022]

Pessoa, F. (2015). *Arquivo Pessoa. Na Floresta do Alheamento*. URL: [//arquivopessoa.net/typographia/textos/arquivopessoa-1949.pdf](http://arquivopessoa.net/typographia/textos/arquivopessoa-1949.pdf) [data de consulta: 12/01/2023]

## Passiva:

Loureiro, La Salette. (2017). *Lisboa no Livro do Desassossego: Entre o real e o irreal*. Lisboa: Libretos.

Loureiro, La Salette. (2001). *A cidade como texto: leitura da modernidade na literatura urbana*. Editora 34.

Osório, J. (Realizador) & Companhia das Ideias (Produção). (2009) *Grandes Livros* [Documentário]. RTP.URL: [www.rtp.pt/programa/tv/p25025](http://www.rtp.pt/programa/tv/p25025). [data de consulta: 18/01/2023]

Marques Maia, A (2015, Dezembro 14). *Uma russa, Fernando Pessoa e o Fotolivro do desassossego*. Público. URL: [www.publico.pt/2015/12/14/p3/fotogaleria/uma-russa-fernando-pessoa-e-o-fotolivro-do-desassossego-385545](http://www.publico.pt/2015/12/14/p3/fotogaleria/uma-russa-fernando-pessoa-e-o-fotolivro-do-desassossego-385545) [data de consulta: 12/02/2023]

Culturadeborla. (2018, Outubro 14). "O Livro do Desassossego" inspira exposição fotográfica de John Howard Wolf em Lisboa. *Cultura de Borla*.URL: [culturadeborla.blogs.sapo.pt/o-livro-do-desassossego-inspira-6361193](http://culturadeborla.blogs.sapo.pt/o-livro-do-desassossego-inspira-6361193) [data de consulta: 15/02/2023]

Gomes Garcia, N. (2020, Janeiro 28). Exposição da fotógrafa Ana Carvalho na casa de Portugal André de Gouveia. *LusoJornal*.URL: [lusojornal.com/exposicao-da-fotografa-ana-carvalho-na-casa-de-portugal-andre-de-gouveia/](http://lusojornal.com/exposicao-da-fotografa-ana-carvalho-na-casa-de-portugal-andre-de-gouveia/) [data de consulta: 15/02/2023]

Ollier, B. (2022, Fevereiro 4). *Alisa Resnik: Passing through the night. Blind Magazine*.URL: [www.blind-magazine.com/news/alisa-resnik-passing-through-the-night/](http://www.blind-magazine.com/news/alisa-resnik-passing-through-the-night/) [data de consulta: 16/12/2022]

Embaixada de Portugal na Grécia (2022, Outubro 18) Fernando Pessoa, *Livro do Desassossego* exposição fotográfica. *Portal Diplomático*.URL:

[atenas.embaiadaportugal.mne.gov.pt/pt/a-embaixada/noticias/fernando-pessoa,-livro-do-desassossego-exposiçao-de-fotografia](https://atenas.embaiadaportugal.mne.gov.pt/pt/a-embaixada/noticias/fernando-pessoa,-livro-do-desassossego-exposiçao-de-fotografia) [data de consulta: 16/12/2022]

Barrento, J. (2022). *Walter Benjamin – A Sobrevida das Ideias – Ensaios e Diário*. Lisboa. Edições de Saguão.

Martins, FC.(2008). *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Lisboa. Caminho.

Barthes, R. (2012). *A Câmara Clara*. Lisboa. Edições 70.

Zenith, R. (2023). Vicente Guedes. *Modernismo. Arquivo Virtual da Geração de Orpheu*. URL: [://modernismo.pt/index.php/v/786-vicente-guedes](http://modernismo.pt/index.php/v/786-vicente-guedes) [data de consulta: 12/01/2022]

Zenith, R. (2013, Dezembro 03). *Livro do Desassossego: o romance possível (var.: impossível)*. Letras In.Verso e Re.Verso. URL: [www.blogletras.com/2013/12/livro-do-desassossego-o-romance.html](http://www.blogletras.com/2013/12/livro-do-desassossego-o-romance.html) [data de consulta: 12/01/2022]

Benjamin, W. (1987). *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo. Editora Brasiliense.

Benjamin, W. (1987). *Passagens* (S. Tellaroli, Trad.). Editora Brasiliense. (Obra original publicada em 1927).

Marques-Teixeira, J. and Antunes, S. (2000) *Prospects on further developments in the Person-Centered Approach. Client-Centered and Experiential Psychotherapy*. Linda-a-Velha. Vale & Vale.

Lind, G. (2000). *Moral development and reality: Beyond the theories of Kohlberg and Piaget*. Psychology Press.

Macedo, H. (1993). *A cidade e os outros*. Editorial Caminho.